

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

MARIANA SARAIVA BONITO

**A REPRESENTATIVIDADE BISSEXUAL NAS ARTES CÊNICAS E
VISUAIS**

Ouro Preto – MG
2019

MARIANA SARAIVA BONITO

A REPRESENTATIVIDADE BISSEXUAL NAS ARTES CÊNICAS E VISUAIS

Monografia apresentada à Universidade Federal de Ouro Preto, como parte das exigências para a obtenção do título de bacharel em Artes Cênicas.

Ouro Preto, 26 de novembro de 2019.

Ouro Preto – MG
2019

B715r Bonito, Mariana.
A representatividade bissexual nas artes cênicas e visuais [manuscrito] /
Mariana Bonito. - 2019.

63f.: il.: color.

Orientador: Prof. MSc. Matheus Silva.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de
Filosofia, Arte e Cultura. Departamento de Artes Cênicas.

1. Artes cênicas . 2. Artes . 3. Bissexualidade . 4. Orientação sexual . I.
Silva, Matheus. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTES E CULTURA - IFAC



DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS – DEART

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que @ discente Mariana Saraiva Bonito matrícula nº 16.2.5177 foi aprovad@ no Trabalho de Conclusão de Curso – TCC 101/13 PESQUISA DE LINGUAGEM EM INTERPRETACAO, com o título “A REPRESENTATIVIDADE BISSEXUAL NAS ARTES CÊNICAS E VISUAIS”, realizado no semestre 2019.2.

Ouro Preto, 20 de dezembro de 2019.

Prof. Matheus Silva
Docente Orientador @

A REPRESENTATIVIDADE BISSEXUAL NAS ARTES CÊNICAS E VISUAIS

Mariana Saraiva Bonito
Graduanda em Artes Cênicas (Bacharelado) na Universidade Federal de Ouro Preto
marisaraiva97@hotmail.com

RESUMO

A arte é uma via para a propagação de ideias e ideais, serve como ponto de pauta para discussões e aprendizados e, por isso, se torna necessário o cuidado quanto aos assuntos tratados. O Brasil é um dos países que mais mata LGBT+s e isso reflete em nossas artes, com número reduzido de representatividade de qualidade, isto é, sem estereótipos. Não seria esse um meio para combater esse crime tão presente na atualidade? Podendo utilizar desse meio como uma forma de autoconhecimento e também abrindo uma discussão que possibilite o entendimento deste assunto, visto que em grande parte as pessoas tendem a ter preconceitos por não entenderem aquilo ou entenderem de forma errônea. Esse trabalho busca observar, analisar e relacionar a presença (ou ausência) de personagens bissexuais nas artes cênicas e visuais, focando no teatro, cinema e televisão, e a qualidade de sua apresentação referente a estereótipos com a influência dessa representação na sociedade. Através de uma análise da bissexualidade e como era vista e interpretada durante a história e de materiais artísticos que apresentam de alguma forma a temática, além do impacto que esses trouxeram a mim, uma artista bissexual, observando a importância da presença de personagens LGBT+s e do cuidado para que não haja má representação. Foi enfatizada a análise de dois filmes, duas séries e três espetáculos, sendo que dois deles foram assistidos por filmagens realizadas. Apenas um espetáculo é nacional, aquele que fora assistido ao vivo. Para além desse material, há breve observação de outras mídias que se tornam relevantes a essa pesquisa, mas que não possuíam material suficiente ou não despertaram tantas pautas relevantes à essa discussão quanto os escolhidos. O trabalho termina com uma introdução à autora e suas relações (sociais, familiares, estéticas, históricas e artísticas), relatando a sua vivência como uma artista bissexual e a influência dessa representatividade. Abrindo a discussão sobre como se insere artisticamente nesse debate e como enxerga essa temática, analisando possíveis soluções.

Palavras-chave: Bissexualidade. Artes. Representatividade.

ABSTRACT

Art is a way of ideals and ideas propagation, it works as agenda to discussions and learning and, therefore, the awareness towards the subjects boarded is necessary. Brazil is the country that most kills LGBT+s and it's shown in our art with a reduced number of quality representativity, in other words, without stereotypes. Wouldn't it be a way to fight this crime so frequent nowadays? The possibility of using it as a way to self-knowledge and also approaching a discussing allowing a better understanding towards this subject, once it appears that a great amount of people tend to be prejudice due the lack of knowledge or misunderstands. This work seeks observe, analyze and relate the presence (or absence) of bisexual character in the performing and visual arts, focusing in theater, cinema and television, and the quality of these approach referent to stereotype and the influence of this representation in society. Through na analysis of bisexuality and how has been seen and understood over the history and artistic materials that show the subject somehow, link the impact of those in me, na bisexual artist, observing the relevance of the presence of LGBT+ characters and the awareness to avoid a bad

representation. It was emphasized the analysis of two movies, two tv shows and three plays, two of which were recorded. Only one play is national, the one watched live. Besides the material previously quoted, there's a brief observation of other medias that are relevant to this research but didn't have enough material or didn't wake a new or more interesting agenda than the chosen ones. The work concludes with an introduction to the author and her relations (social, familiar, aesthetic, historic and artistic), narrating her experiences as a bisexual artist and the influence of this representativity. Boarding a discussion about how she inserts herself artistically in this debate and how she sees this subject, analyzing possible solutions.

Keywords: Bisexuality. Arts. Representativity.

TABELA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Alan Turing. Fonte: Diário do Centro do Mundo (2014)..... | 12 |
| Figura 2 - Rebelião de Stonewall. Fonte: Barnes & Nobles Reads (2009)..... | 13 |
| Figura 3 - Anitta beijando mulher em vídeoclipe de “Não Perco Meu Tempo”. Fonte: Observatório G (2018)..... | 15 |
| Figura 4 - Cena de “The Color Purple”. Fonte: The Hollywood Reporter (2015) | 18 |
| Figura 5 - Dzi Croquetes. Fonte: O Globo (2015) | 18 |
| Figura 6 - Cartaz da peça "Só Se For A Dois". Fonte: Cena Musical (2019)..... | 22 |
| Figura 7 - Cena de “If/Then”. Fonte: L.A. Weekly (2015)..... | 23 |
| Figura 8 - Cena do musical "Rent". Fonte: Esquire (2019) | 25 |
| Figura 9 - Cena de beijo homossexual em “Moonlight” (2016). Fonte: Out (2016) | 26 |
| Figura 10 - Cena do filme “Azul é a Cor Mais Quente” (2013). Fonte: Universa (2019)..... | 28 |
| Figura 11 - Cena do filme “Me Chame Pelo Seu Nome” (2017). Fonte: "OGrito!" (2017)..... | 30 |
| Figura 12 - Foto promocional do filme “Spring Breakers: Garotas Perigosas”. Fonte: "Santa" (2013) | 32 |
| Figura 13 - Cena de ménage a trois na série “Gossip Girl: A Garota do Blog” (2007-2012) usada como gays for sweeps. Fonte: Série Maníacos (2009) | 33 |
| Figura 14 - Cena legendada de apagamento bissexual na série “Orange Is The New Black” (2013-2019). Traduzido: “Era uma fase, minha fase alma-perdida-pós-faculdade-aventura”. Fonte: Oh No They Didn't! (2013)..... | 34 |
| Figura 15 - Darryl Whitefeather cantando a música “I’m Gettin’ Bi” sobre bissexualidade. Tradução: Não quer dizer que eu seja enganador ou vadio só porque eu sou bi. Fonte: Pride (2016) | 37 |
| Figura 16 - Valencia beijando Beth em uma cena do episódio 11 da terceira temporada da série “Crazy Ex-Girlfriend” (2015-2019) Fonte: TheBi+Manifesto (2013)..... | 38 |
| Figura 17 - Jason Stackhouse e Eric Northman em cena de sexo. Fonte: Fica Quietinho (2014) | 40 |
| Figura 18 - Bica da Fonte da Vila ou Fonte do Povoada, hoje em dia: Biquinha. Fonte: https://www.flickr.com/photos/ericandchristian/4911993573/in/set-72157624774692960/ | 43 |
| Figura 19 - Encenação de São Vicente. Fonte: Cidade e Cultura. | 45 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO I - LGBT+: UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL | 9 |
| CAPÍTULO II - O BISSEXUAL NAS ARTES CÊNICAS E VISUAIS (CINEMA E TELEVISÃO) | 16 |
| 1. Artes cênicas: histórico e análise de produções | 16 |
| 1.1. "Só se for a dois" (2019) | 20 |
| 1.2. "If/Then" (2014) | 22 |
| 1.3. "Rent" (1996)..... | 23 |
| 2. Artes visuais: histórico e análise de produções cinematográficas e televisivas | 24 |
| 2.1. Cinema | 24 |
| 2.1.1. "Me Chame Pelo Seu Nome" (2017) | 28 |
| 2.1.2. "Spring Breakers: Garotas Perigosas" (2013) | 30 |
| 2.2. Televisão | 31 |
| 2.2.1. "Crazy Ex-Girlfriend" (2015-2019) | 35 |
| 2.2.2. "True Blood" (2008-2014) | 38 |
| CAPÍTULO III – A ARTISTA BISSEXUAL | 42 |
| 3. As raízes geográficas..... | 42 |
| 3.1. As raízes familiares | 46 |
| 3.2. Chá de revelação | 48 |
| 3.3. Liquidificador | 49 |
| CONCLUSÃO – E AGORA, JOSÉ? | 50 |
| REFERÊNCIAS | 51 |

INTRODUÇÃO

A comunidade LGBT+ vislumbra cada vez um maior engajamento na luta por igualdade de direitos e expansão na participação atividade da sociedade. Apesar dos constantes avanços ao redor do mundo, ainda estamos mundo longe de ver essa realidade: ainda existem países que permitem a execução de pessoas LGBTs. O Brasil é reportadamente um dos países que mais mata LGBTs.

As artes sempre foram utilizadas para a reprodução de ideia e ideais, uma vez que elas atingem os diferentes nichos sociais existentes. Através delas tendências de modas são lançadas, bordões ou até processos ditatoriais, como foi o caso do Nazismo Alemão. No Brasil, a arte visual televisiva tem grande influência na massa, servindo esse papel. Entretanto raramente é utilizada para a propagação de conceitos que facilitariam essa luta previamente citada.

O conceito de arte-vida vai além do artista e de seu produto, ela engloba o consumidor desse produto também. Se arte tem tanto poder de mover as pessoas, ela pode ser utilizada para expandir o conhecimento das pessoas acerca dos conceitos LGBTs, melhorando o autoconhecimento dessas pessoas e diminuindo a criminalidade relacionada aos crimes de ódios ligados a esse preconceito.

Para tanto, é necessário que se faça um mapeamento histórico-sócio-cultural de cada uma das “letras” (lésbica, gay, bissexual, transsexual, etc.) e análise essa relação. No caso desse trabalho, enfatizarei a pesquisa em torno da bissexualidade, quase sempre invisibilizada dessas artes e da sociedade. Um tabu tão grande que raramente é mencionado.

CAPÍTULO I - LGBT+: UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL.

Para entender a causa LGBT+ e a importância de uma representatividade para esta, é necessário compreender como a comunidade foi abordada durante os diferentes contextos históricos em diferentes culturas. Neste primeiro capítulo, apresento um sentido da sigla LGBT+ e seus desdobramentos para o “bissexual”, um estudo sobre suas implicações histórico-culturais e, ainda, resalto os pontos na história de diferentes culturas que podem ser analisados como ponto de partida para consequências contemporâneas ao refletir essas ações pensando no sentido de “estereótipo” e “má representatividade”, isto é, na criação de um padrão associado a determinado grupo que nem sempre condiz com todos os membros do mesmo.

LGBT+ é a sigla que abrevia as palavras “lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e outros” utilizada desde 1990, quando houve uma percepção de que referir-se apenas a homossexuais tornou-se superficial e descuidado, devido à grande variedade sexual existente. Ainda que o número exato de membros seja de difícil cálculo devido o tabu em torno das questões de sexualidade em nossa sociedade civil e ocidental, a comunidade LGBT+ é uma minoria e sofre repressão e preconceito devido à construção histórica de conceitos estereotipados e/ou equivocados desse grupo que se perpetuam até os dias atuais. Isso acarreta, além das agressões físicas e verbais, uma solidão LGBT+, isto é, o isolamento dos membros dessa comunidade. A discussão mais popular em torno dessa sigla, é a de homossexuais (lésbicas e gays). Entretanto, essa sigla engloba ainda muitas outras questões que também carecem de uma abordagem sócio-político-estética.

A sexualidade é interpretada como uma construção social resultante da experiência humana, sendo associada ao contexto cultural, histórico e político ao qual aquela pessoa está inserida; nunca natural, apenas simbólica. Como pontuado por Paul Preciado¹ em seu livro “Manifesto Contrassexual” (2000), a identidade sexual não é fechada ou determinada naturalmente e é necessária uma desconstrução sistêmica da naturalização de práticas sexuais e do sistema de gêneros atualmente vigente por esta ser negativa; moldada pela relação de poder vigente naquela determinada sociedade. Sendo assim, enquanto em algumas sociedades a homossexualidade e a bissexualidade são plenamente aceitas, em outras não. Um exemplo é o contexto histórico: na Grécia Antiga, a bissexualidade era praticada em grande escala sem nenhum rechaço enquanto no Brasil contemporâneo ocorre uma grande controvérsia. O filósofo Michel Foucault² agrega a sexualidade um dispositivo histórico, geralmente acessado durante

¹ Escritor, filósofo e curador transsexual e espanhol com pesquisas nas áreas relativas à identidade, gênero, sexualidade, pornografia e arquitetura.

² Filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário e professor francês.

período de discursos reguladores e repressivos. Na sociedade Ocidental, qualquer atitude, desejo ou sentimento que difira do heteronormativo³ é visto como uma falha, uma doença, algo que deve ser arrumado.

A palavra “bissexualidade” surgiu no final do século XIX. Utilizada, na época, por Charles Darwin⁴, para definir a fase embrionária do ser humano na qual não é possível identificar o sexo, possuindo uma conotação de transitoriedade por ser uma fase na evolução. Esse conceito se apresenta na pressuposição de que existem apenas dois sexos, pressuposição, essa, que é contestada atualmente devido à existência dos intersexuais⁵. Esse conceito modificou-se no decorrer da história: Sigmund Freud⁶ se apropria do termo de Darwin e o transporta para a psicanálise, tratando a bissexualidade como um estado transitório da sexualidade. Nos anos 90, a temática foi abordada num âmbito acadêmico através de estudos que discutiam gênero e identidade. Atualmente, bissexual é definido como aquele que possui desejo sexual e/ou afetivo por mais de um sexo.

Devido a uma nomenclatura tardia, é difícil traçar uma linha do tempo da presença do termo bissexual na história, o que enfatiza o apagamento do mesmo. Em 1200 a.C. há os primeiros registros de casos homossexuais, podendo também ser cogitada a possibilidade de bissexualidade nesse período. Somente no século XIII é que foi criado o primeiro código penal criminalizando a homossexualidade.

Os regimes de poder repressivo são grandes problemáticas para a existência LGBT. Durante o nazismo, por exemplo, os que praticavam a homossexualidade eram enviados para os campos de concentração e mortos. Também desse período foi criada a noção de “cura gay” (também conhecida como Terapia de Reorientação Sexual, Terapia de Conversão e Terapia Reparativa), aplicada através de castração, terapia de choque, lobotomia e estupro. Essa prática foi proibida em 1999 pelo Conselho Federal de Psicologia, logo após, em 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) ter descartado a possibilidade de interpretar orientação sexual como doença. Entretanto, ainda é praticada de forma ilegal, com destaque para os países em desenvolvimento da América Latina, onde a presença da igreja é muito forte. É responsável por graves danos psicológicos em seus pacientes, levando muitas vezes ao suicídio.

³ Aquilo que segue os padrões heterossexuais binários.

⁴ Naturalista, geólogo e biólogo britânico reconhecido por suas descobertas na área da evolução.

⁵ Aquele que nasce com características físicas, reprodutivas ou sexuais, que não se encaixam na definição habitual de feminino ou masculino.

⁶ Neurologista e psiquiatra britânico, conhecido por ser o criador da psicanálise.

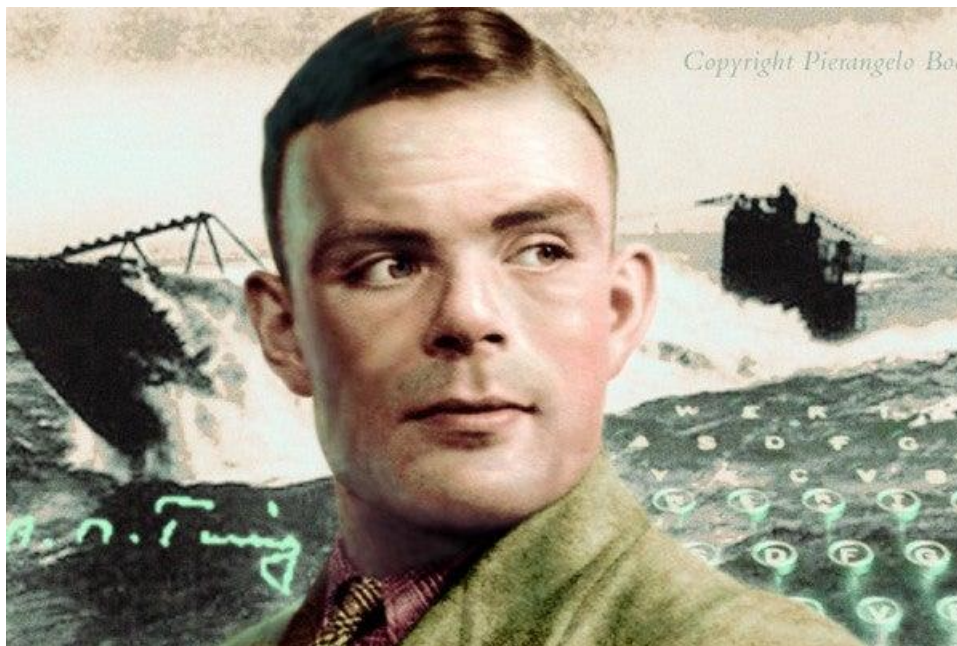


Figura 1 - Alan Turing. Fonte: Diário do Centro do Mundo (2014).

A criminalização da homossexualidade condenou e puniu grandes nomes como o escritor alemão Oscar Wilde e o cientista britânico responsável pela decodificação que finalizou a guerra e, mais tarde, seria utilizado para a criação dos computadores, Alan Turing. Durante a ditadura militar (1964-1985) no Brasil, os homossexuais também foram perseguidos e ligados ao comunismo, sendo torturados e mortos. Atualmente, no Brasil, materiais – filmes, séries e quadrinhos - com personagens LGBT+ estão sendo censurados ou tendo seus investimentos cortados.

É, de certa forma, pretencioso agregar o preconceito medieval unicamente às práticas homossexuais, uma vez que toda atividade relacionada ao sexo era problemática nessa época. O sexo era permitido somente no contexto de reprodução, nunca fora do casamento, mas isso não quer dizer que não ocorria fora desse contexto aceito. As práticas sexuais, especialmente as homossexuais, começam a tomar força durante a revitalização das cidades com a criação de espaços específicos para isso.



Figura 2 - Rebelião de Stonewall. Fonte: Barnes & Nobles Reads (2009)

Em 1969, na cidade de Nova York, ocorreu uma invasão policial violenta em um bar LGBT, o que provou uma rebelião de três noites seguidas, ficando conhecido como *Stonewall Riots* e gerando o Dia do Orgulho Gay. Apesar do nome do dia festivo, quem iniciou a rebelião foi uma *drag* bissexual transsexual e feminista, Sylvia Rivera. Nesse mesmo ano, foi criado o *Gay Liberation Front* (GLF) e o *Gay Activists Alliance* (GAA). No ano seguinte, se iniciaram as paradas do Orgulho Gay, inicialmente ocorreram apenas em Nova York, Los Angeles, São Francisco e Chicago. Atualmente, ocorrem no mundo todo, com destaque para a paulista⁷ que é a maior do mundo.

Nos anos 70, a luta LGBT chega ao Brasil. Ocorrendo em 1983 o “*Stonewall brasileiro*”. Na década de 80, com a disseminação da Aids⁸ e a falta de conhecimento em torno da doença, esta foi associada à homossexualidade, recebendo o título de “câncer gay”, utilizado para culpabilizar os homossexuais e caracterizar como uma punição. Todavia, a doença não é exclusiva da homossexualidade e heterossexuais também adquiriram, dirigindo o foco para os bissexuais, acusados de serem os responsáveis dessa “ponte” da doença e mantendo um lugar de destaque no grupo de risco até os dias atuais segundo a Organização Mundial da Saúde.

No âmbito educacional, em 2006, durante o governo Lula, o Ministério da Educação juntamente com o da Saúde e o apoio das fundações UNESCO (Organização das Nações Unidas

⁷ Em 2019, em meio à um cenário conservador e ameaçador, essa parada reuniu 3 milhões de pessoas que apoiam a causa. Contando com 19 trios elétricos e sete horas de apresentações dos maiores nomes da música brasileira. Durante todos os oito dias de carnaval celebrados na paulista, a estimativa foi de 12 milhões de participantes por toda a cidade.

⁸ Doença causada pela infecção do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV, proveniente do inglês).

para a Educação, a Ciência e a Cultura), UNICEF (Fundação das Nações Unidas para a Infância) e UNFPA (Fundo de População das Nações Unidas) agregou dois cursos à educação: Saúde e prevenção nas escolas (SPE) e Gênero e diversidade na escola (GDE). O primeiro visa a prevenção de Aids, HIV e outras DSTs⁹, além de gravidez indesejada. Enquanto o segundo aborda as questões de gênero, sexualidade e etnia, para ajudar no desenvolvimento dos professores. O GDE é dividido em oito unidades e, em uma delas, a “A sexualidade na vida humana”, são ofertadas duas oficinas: “A orientação sexual do desejo” e a “Homossexualidade na escola”. Em 2008, esse projeto foi ampliado, um ano após o governo federal iniciar o incentivo contra o preconceito e a discriminação no ambiente escolar.

Todavia, o LGBT é abordado nas escolas através da Aids, tornando mais difícil a tarefa de explicá-lo e, gradualmente, vencer o preconceito. Nos anos 30, o governo começa a pensar numa reforma educacional. Nesse contexto, essas políticas de conscientização e luta contra preconceitos e discriminação deveriam ser estudadas, mas a única medida tomada foi a de higienização. Grande parte da dificuldade dessa abordagem ocorre devido à reação do fundamentalismo religioso que liga o ensino em torno dos conceitos de sexualidade, gênero e identidade à uma possível modificação do caráter dos alunos. Atualmente, mesmo com as leis de apoio, é difícil ver a concretização das mesmas na prática. Como afirma Paco Vidarte¹⁰ (2019):

A política não tem nada a ver com agradecimento, nem com carinho, nem com família, nem com paternalismo, mas com a reparação de injustiças seculares, a restituição de direitos e a proteção dos coletivos marginalizados. E quando isso é feito, se vota ou não se vota, mas o silêncio, a desmobilização e o sucateamento das nossas infraestruturas de luta e reivindicação não podem ser moedas de troca. (VIDARTE, 2019, p.131)

Por todo o mundo, incluindo o Brasil, são ofertadas casas de apoio para jovens LGBT+ expulsos de casa pelos pais. Um exemplo é a “Casa 1”, localizada em São Paulo, que funcionava como centro cultural e república de acolhimento para esses jovens. Outra iniciativa nesses moldes é um aplicativo que encontra uma casa nova nessas situações. Os avanços quanto à aceitação homossexual não representam muito para os bissexuais: a polarização continua, enfatizando a necessidade da decisão por escolher entre ser homossexual ou heterossexual, ignorando as demais possibilidades. A sigla LGBT+ engloba diversas “categorias”, entretanto, as mais discutidas e defendidas são as lésbicas e os gays, sendo que os demais acabam sofrendo o mesmo preconceito, somado com algumas variações devido essa invisibilidade.

⁹ Atualmente, se utiliza o termo IST, trocando doenças por infecções sexualmente transmissíveis.

¹⁰ Filósofo espanhol, escritor e ativista LGBT+.

Ainda que, segundo o *William Institute*¹¹, em 2011, os bissexuais representassem metade da comunidade LBGT, há uma tendência de maior espera para “sair do armário”; isso decorre de um histórico de preconceito que acarreta uma confusão, isto é, acostumado a ouvir que aquilo é uma fase, o bissexual demora para se entender como tal e, quando o faz, demora para conseguir comunicar isso aos outros por ter receio da reação alheia. Esses dados foram constatados segundo o *ABC Triple Heart*, uma instituição australiana que, durante pesquisa, observou que apenas 40% dos homens bissexuais se assumem enquanto a porcentagem de gays é 84% e apenas 48% das mulheres bissexuais se assumem sendo que as lésbicas apresentam o percentual de 86% assumidas.

Ao meu ver, as artes são grandes responsáveis pelo modo como a sociedade enxerga o mundo e pode ser utilizada para a visibilidade e compreensão bissexual. Todavia, esse não é contexto atualmente vigente: as artes cênicas e visuais, produzem escassos personagens bissexuais e, geralmente, atrelados a estereótipos ou que sofrem apagamento. Para a comunidade, ser representado nas formas midiáticas é uma forma de resistência e prevenção à violência, é um importante degrau na escada da igualdade de direitos sociais e políticos.



Figura 3 - Anitta beijando mulher em videoclipe de “Não Perco Meu Tempo”. Fonte: Observatório G (2018)

¹¹ Núcleo de pesquisa do curso de Direito da UCLA (Universidade da Califórnia em Los Angeles) voltado para o estudo independente de leis e políticas públicas de orientação sexual e identidade de gênero.

Hoje em dia, há um aumento do dinheiro gay, conhecido popularmente como *pink money*¹². Acarretando um lucro gerado através da apropriação da causa LGBT, e, utilizando a bissexualidade com escapatória estratégica de justificação, uma vez que é “mais fácil” fingir ser bissexual já que não precisa abandonar as práticas heterossexuais. Entretanto, uma a cada cinco das empresas não contrata pessoas LGBT+, mesmo utilizando-as em seu marketing de vendas. Isso acarreta um prejuízo de 405 bilhões de dólares anualmente para a economia brasileira.

Portanto a invisibilidade bissexual é um problema que ocorre, atualmente, tanto no âmbito social quanto no cultural, isto é, além de não ser reconhecido ou sofrer preconceitos no seu cotidiano, o bissexual também não tem uma representação relevante ou qualitativa na mídia. A invisibilidade ou apagamento bissexual pode ocorrer de diferentes formas: associando a bissexualidade à uma etapa para se assumir homossexual, um certo fetiche, conceituação de que a bissexualidade está sempre ligada à traição, a ideia de que o bissexual deixa de o ser por estar em um relacionamento monogâmico e a não-rotulação.

¹² Poder de compra dos LGBT+.

CAPÍTULO II - O BISSEXUAL NAS ARTES CÊNICAS E VISUAIS (CINEMA E TELEVISÃO)

Ao vislumbrar as artes como meio de propagação de ideias, se torna necessária uma análise de apresentação de personagens bissexuais nestas: com que frequência ela ocorre e como é tratada no meio cultural. Nesse capítulo apresento um breve histórico de como as artes cênicas e visuais trataram da bissexualidade nos últimos anos, com ênfase no espetáculo teatral, no cinema e na televisão, sabendo que as plataformas de *streaming* atualmente são grandes produtoras desse material. Busca-se observar, nesse capítulo, ainda, a diferença entre as obras nacionais e estrangeiras e analisar a presença de personagens bissexuais, o modo como eles são inseridos e as implicações que essa inserção causa no movimento político e cultural em que a sigla LGBTQ+ está.

1. Artes cênicas: histórico e análise de produções

Desde os primórdios do teatro, há uma visão deste como espaço para o comportamento não-convencional. Isso, no entanto, não significa que esse comportamento não receba críticas e ataques conservadores. Temáticas como racismo, LGBTQfobia e machismo, embora cada vez mais frequentes nos espaços teatrais, ainda sofrem certo preconceito da maioria. Isso acarretou uma deficiência de documentação de obras que envolvessem a temática LGBTQ+, especialmente as mais antigas. Quando o foco é posto na bissexualidade, isso se torna ainda mais difícil de rastrear devido ao apagamento bissexual que exclui ou confunde a definição do mesmo.

Assim como acontece na televisão e no cinema, o teatro bissexual sofre das mesmas problemáticas. Até em grandes cidades que hoje em dia são referência desse tipo de teatro como Londres e Nova Iorque isso já acontecia no passado. O motivo disso é que, geralmente, quem produz são artistas heterossexuais. Como diz Newton Moreno¹³: “O imaginário gay carece de fontes de referências e o homossexual só se vê retratado através do ponto de vista do artista heterossexual” (MORENO, 2002, p.311).

¹³ Diretor, ator e autor brasileiro.



Figura 4 - Cena de “*The Color Purple*”. Fonte: *The Hollywood Reporter* (2015)

Os Estados Unidos da América tiveram esse tipo de entretenimento ligado, inicialmente, à área da arte da performance e stand-up. Mais tarde, produzindo as famosas peças da *Broadway* como “*The Color Purple*” (2005) e “*Rent*” (1996).



Figura 5 - Dzi Croquettes. Fonte: O Globo (2015)

Nos anos 70, formam-se dois grupos muito importantes para a comunidade: “Dzi Croquettes” e “Vivencial Diversiones”. O primeiro não era engajado na causa, isto é, aquele não era o ponto principal de seus trabalhos. Entretanto, defendiam a liberdade de expressão através da androgenia, ou seja, apresentavam seu trabalho com símbolos reconhecidos socialmente como “femininos” e “masculinos”. Inspiravam-se na antropofagia e na paródia das revistas. O segundo grupo era formado por favelados, marginalizados, nordestinos, intelectuais e travestis.

O grupo teatral “Dzi Croquettes” famoso por retratar o cenário LGBTQ+, se encontra situado num contexto histórico de explosão das discussões em torno dessa causa: os anos 60/70, quando o LGBTQ+ começa a ser abordado publicamente no Brasil (nos anos 50/60 era abordado nas noites cariocas e paulistas). Em plena ditadura, a censura, em vez de vetar o movimento criativo, o impulsiona como forma de escapatória de repressão. Fundado em 1972, o grupo trabalha com a manipulação corporal, materializando o sexo através de *performances*, trabalhando a multiplicidade das formas desconstruindo a heteronormatividade. Com uma estética *trash*, como foi apresentado no maior sucesso *off-off-broadway* do nordeste, a dublagem de “As criadas” de Jean Genet, que atraía até mesmo o público hétero, são associados à cultura *queer*.

Nos anos 80, o HIV, conhecido como “câncer gay” foi utilizado como impulsionador da criação da arte LGBTQ+ que ficou conhecido como “aids drama”. As peças, em sua grande maioria, traziam a tristeza e o impacto social daquela doença na época em que a epidemia crescia diariamente e as informações que eram popularmente divulgadas só causavam mais desespero e despreparo, além de preconceito. Caio Fernando Abreu foi um dos grandes autores da temática, levando aos palcos obras como “O Homem e A Mancha” (1994) que eram sucesso e tinham ampla aceitação.

Os anos 90 foram conhecidos como *Gay Nineties* e foi quando esse tipo de produção começou a se firmar no Brasil, especialmente em São Paulo. Esse público raramente buscava reflexões sobre as vivências LGBTQ+, procuravam mais entretenimento e, por isso, as *drag queens*¹⁴ fizeram grande sucesso na época, sendo considerado um estudo de máscara contemporâneo por alguns estudiosos. Um exemplo é a peça “As sereias de Rive Gauche” (1999) de Vange Leonel. Na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), em 2015, foi realizada uma montagem com alunos que tratava as vivências em torno do fato de serem LGBTQ+. Por ser o relato de pessoas que passaram por tais ocasiões, trouxe uma representação mais honesta sobre os acontecimentos em torno dessa temática.

Em novembro de 2016, em São Paulo, uma peça que trata da temática foi escrita por Vitor Oliveira e Carlos Fernando Barros: “Bruta Flor”. A peça foi um sucesso, tendo uma segunda temporada. Todavia, pela sinopse da peça já podemos ver traços da má representação da bissexualidade que é apresentada como uma fase da vida do protagonista, além de ser associada à traição:

A trama aborda o relacionamento de Lucas e Miguel que se encontram presos em um lugar desconhecido e começam a relembrar a trajetória deles, desde a

¹⁴ Personagens criados por artistas performáticos que se travestem.

adolescência quando, numa noite de bebedeira, os dois acabam transando. Miguel vai estudar em Londres e eles se afastam. Mais de dez anos depois, Miguel volta para o Brasil e reencontra Lucas no metrô. Lucas está casado e prestes a ser pai do seu antigo namoro com Simone, mas o reencontro com Miguel traz à tona sentimentos que ele até então desconhecia. Lucas e Miguel se tornam amantes. A relação vai ganhando contornos dramáticos quando Lucas entra em conflito com a aceitação de sua homossexualidade e a obsessão que sente por Miguel. (<https://www.sampaingressos.com.br/bruta+flor+teatro+uniao+cultural.php>)

O Teatro do Oprimido, metodologia criada em meados dos anos 60 por Augusto Boal¹⁵, é visto como uma via da inserção do teatro no meio escolar e como debate para questões como os direitos das minorias, os preconceitos enfrentados por elas e soluções para seu combate, uma vez que une o teatro e a política e tem por finalidade a transformação social. Através do convite do público para solucionar, viabiliza um olhar externo dos problemas pessoais e a ajuda de outras pessoas em questões pessoais. O processo passa por quatro etapas: o conhecimento das potencialidades corporais através de jogos lúdicos, a expressividade corporal por meio de jogos teatrais, a apropriação do teatro como linguagem através das cenas com problemas que o público solucionaria e o teatro como discurso de acordo com a necessidade da abordagem de determinados temas no debate.

Espero que as diferenças fiquem bem claras: Aristóteles propõe uma Poética em que os espectadores delegam poderes ao personagem para que este atue e pense em seu lugar; Brecht propõe uma Poética em que o espectador delega poderes ao personagem para que este atue em seu lugar, mas se reserva o direito de pensar por si mesmo, muitas vezes em oposição ao personagem. No primeiro caso, produz-se uma "catarse"; no segundo, uma "conscientização". O que a Poética do Oprimido propõe é a própria ação! O espectador não delega poderes ao personagem para que atue nem para que pense em seu lugar: ao contrário, ele mesmo assume um papel protagônico, transforma a ação dramática inicialmente proposta, ensaia soluções possíveis, debate projetos modificadores: em resumo, o espectador ensaia, preparando-se para a ação real. (BOAL, 1991, p. 126)

Podendo ser abordado através do teatro-imagem, no qual ocorre a montagem de uma cena que contenha algum exemplo de opressão, podendo essa ter sido vencida com a ajuda do público ou não; do teatro-fórum, no qual público pode alterar a solução dada por quem está em cena quantas vezes for necessário; do teatro-jornal, no qual é efetuada uma leitura de notícias de jornal podendo variar em sua forma; e, por fim, o teatro-invisível, que ocorre fora do espaço convencional do teatro, em um espaço cotidiano, no qual o público não sabe o que é aquela ação. Portanto, pode ser utilizado para desinstitualizar o saber.

¹⁵ Diretor de teatro, dramaturgo e ensaísta brasileiro.

No Rio de Janeiro, o Grupo Arco-Íris (GAI), uma associação ativista LGBT trata dessas questões, tendo subgrupos como Laços e Acasos, formado por lésbicas e mulheres bissexuais, e o Entre Garotos, formado por gays e homens bissexuais. Durante entrevistas realizadas por Elizabeth Sara Lewis em seu trabalho “‘Eu quero meu direito como bissexual’: a marginalização discursiva da diversidade sexual dentro do movimento LGBT e propostas para fomentar a sua aceitação”, os bissexuais participantes do projeto dizem não se sentirem bem aceitos no grupo, relatando comentários preconceituosos e discriminatórios que reforçam o apagamento bissexual discutido previamente neste trabalho.

Em 2018, um festival teatral mundial feito para lutar contra a violência LGBTfóbica foi realizado, recebendo o nome de “*Brazil Diversity*”.

1.1. “*Só se for a dois*” (2019)

A peça paulista trouxe um material de divulgação trabalhado em *memes* e na desconstrução de preconceitos ligados à bissexualidade. Com o cenário paulista como base, a peça possui a seguinte sinopse:

Só se for a Dois conta a história de Danilo, jovem músico que sonha em fazer sucesso internacionalmente, e percebe que pode ter sua grande chance ao ser convidado para participar de um renomado festival de música na Suíça, porém sua vida passa a sair dos eixos quando sua namorada Helena recebe a notícia que está com câncer em estágio avançado. Diante de um sonho e um amor correndo risco de vida, ele encontra conforto em Giovanni, um amigo recente que dá o suporte necessário para esse momento conturbado, um suporte tão especial que acaba se tornando romance. Com canções da MPB, o espetáculo promete arrancar suspiros dos espectadores e principalmente refletir sobre quanto vale um amor.” (<https://canaltadeuramos.wixsite.com/blog/single-post/estreias-de-setembro-no-teatro>)



Figura 6 - Cartaz da peça "Só Se For A Dois". Fonte: Cena Musical (2019)

São Paulo é a sede da maior parada LGBTQ+ do mundo em contradição com o fato de o Brasil ser o país que mais mata LGBTQs. Apesar de não serem explorados no texto, esses dados são importantes para entendermos em que contexto a peça se aplica. Outro dado importante é a datação: não há um apontamento específico, mas, tomando detalhes como caracterização, pode-se atribuir a datação como sendo 2019, um ano em que essa temática vem sendo debatida com fervor. Políticos e religiosos levantam comportamentos LGBTQs como pervertidos e desviados dos valores morais necessários para a sociedade e isso atravessa os lares do país. Como vemos na cena em que o protagonista, Danilo, se assume bissexual para sua família e é expulso de casa, mesmo sendo menor de idade.

A peça apresenta um casal hétero típico do melodrama burguês, extremamente apaixonados e que todos invejam. Entretanto, nos é apresentado, no decorrer da peça, que o relacionamento já estava fragilizado. Danilo pensa em terminar com Helena, porém a moça descobre que está em um estágio avançado do câncer e ele decide ficar com ela para não piorar sua doença. Como diz a sinopse, ele busca conforto em um amigo, Giovanni, que acaba desenvolvendo um interesse amoroso, resultando num beijo. É possível perceber um estereótipo da bissexualidade: a traição.

Danilo, entretanto, percebe que aquilo não está certo e interrompe o beijo, dizendo que irá contar para Helena o que aconteceu. Essa conversa não acontece. Helena fica sabendo da traição pelo inimigo de Danilo, Félix, um personagem homofóbico. Helena confessa com seu irmão suas dores e pergunta se aquilo não seria apenas uma fase e Marcos, que é homossexual,

responde “Isso que todo LGBT ouve e eu te digo: não”. Um alívio ouvir uma frase que desmistifique a bissexualidade nessa peça combatendo a noção de transitoriedade da bissexualidade. Guiado pela culpa da traição, Danilo começa a ignorar Giovanni. Ele ainda ama Helena, mas também tem sentimentos por ele. Outro preconceito ligado aos bissexuais: que gostam de homem e mulher simultaneamente.

Apesar de toda a propaganda da peça voltada a desmistificar características reforçadas pela sociedade como proveniente dos bissexuais (traição, confusão, falta de caráter e promiscuidade) a peça falha nesse quesito várias vezes. Um adendo interessante é a escolha de figurinos: na internet tem diversos memes falando sobre a forma de se vestir do bissexual (mangas e barras dobradas, blusa xadrez, piercing no septo e blusa colocada pra dentro da calça) e eles abordam esse figurino em quase todos os personagens da peça.

Tentei entrar em contato com o elenco para saber se além da representação bissexual tinham também atores bissexuais, mas não obtive respostas. Esse dado seria valioso pra pesquisa por se tratar de um olhar mais sensível à causa envolvido dentro do projeto.

1.2. “If/Then” (2014)

A peça musical estadunidense se passa em Nova York, aparentemente em 2014. Outra população extremamente grande de LGBTs, foi onde a parada ocorreu pela primeira vez, um ano após os acontecimentos de *Stonewall*. A obra retrata a história de uma moça que tem que fazer uma escolha e como essa escolha leva a certos lugares. Vemos as duas escolhas em cena.



Figura 7 - Cena de “If/Then”. Fonte: L.A. Weekly (2015).

O personagem bissexual da peça se chama Lucas. Na primeira linha do tempo, a protagonista e seu namorado lhe apresentam um rapaz, com o qual ele se casa no decorrer da história. Na segunda linha do tempo, ele é apaixonado pela protagonista, chegando a ter relações sexuais com ela, mas sendo descartado. Antes de ambas linhas do tempo, na época de faculdade, eles namoravam. Na primeira linha do tempo, a protagonista, chamada Liz, diz: “Eu não acredito em independência tanto quanto em bissexualidade. Escolha um lado”. A frase, tida como piada, propaga a ideia de que os bissexuais estão numa fase. Entretanto, não creio que esse seja o valor que a peça quer transmitir, mas sim o valor da personagem. Visto que a peça em si é um ótimo exemplo de como aplicar a representatividade bissexual.

Idina Menzel, que foi a Liz/Beth na apresentação original, é hétero. O ator Anthony Rapp não acredita em rotulação e prefere, se tiver que utilizar uma, utilizar a *queer*¹⁶ pois abrange mais categorias. Os demais não têm essa informação disponível publicamente.

1.3. “Rent” (1996)

A peça musical de sucesso da *Broadway*, uma das com maior tempo em cartaz, se passa na Nova York dos anos 80.

Musical que acompanha a vida de amigos boêmios que vivem no bairro de East Village, famoso por ser um polo cultural. Explora os encontros e desencontros amorosos entre personagens muito diferentes e as dificuldades em sobreviver da arte em Nova York. (<https://www.backstagemusical.com.br/single-post/2018/05/14/TEATRO-Rent-far%C3%A1-duas-%C3%BAnicas-apresenta%C3%A7%C3%B5es-no-Rio-de-Janeiro>)

¹⁶ Palavra utilizada para designar pessoas que não possuem identidade heterossexual ou cisgênera.



Figura 8 - Cena do musical "Rent". Fonte: *Esquire* (2019)

Maureen Johnson é a uma atriz bissexual. Logo no começo somos apresentados ao fato dela ter largado Mark para viver com Joanne. Em “Tango Maurren” os dois cantam sobre como namorar com ela é difícil devido às mentiras e traições.

Em “*La Vie Bohemie*”, eles cantam o quão boêmios são, levantando um questionamento se realmente são excluídos socialmente ou não, visto que seus pais ligam o tempo todo e aparentam ter dinheiro e um lar no qual são bem-vindos. Entretanto, não podemos excluir o fato de que eles pertencem a pelo menos um grupo de marginalizados (LGBTs, artistas, viciados em sexo e/ou drogas). Durante esse número Joanne flagra Maureen traindo-a com outra mulher.

Em “*Take Me Or Leave Me*”, dueto entre Joanne e Maureen, a bissexual culpa os outros acharem ela gostosa, afirmando que Joanne não tem que se preocupar pois ela é o amor de sua vida. Durante a peça elas terminam e voltam diversas vezes. Os atores, tanto da versão original, quanto da gravação para DVD e do filme, não possuem informações quanto a sexualidade publicamente. Um fato curioso é que vários deles estão na outra peça de análise (“*If/Then*”).

2. Artes visuais: histórico e análise de produções cinematográficas e televisivas

2.1. Cinema

Enquanto não há registros do primeiro filme bissexual, há uma crença de que o primeiro filme LGBT tenha sido de Thomas Edison em um de seus curtas experimentais¹⁷, no qual dois

¹⁷ Não possui um nome.

homens estão dançando. Outros dizem ter sido “O Eclipse: Corte do Sol e da Lua” (1907)¹⁸, embora o autor tenha dito ser apenas uma questão astronômica. Em 1912, “*Algie, The Miner*”¹⁹ fora lançado com a premissa de um homem heterossexual que quer se provar para poder noivar uma linda mulher. Mas somente em 1916 que temos um filme que trata da temática de forma aberta, “As Asas”²⁰, inspirado no livro “Mikael” de Hermans Bang, traz um casal de homens artistas que encontram uma mulher que seduz um deles. Esse livro também inspirou o filme homônimo dirigido por Carl Theodor Dreyer em 1924.

Em 1919, na Alemanha, havia uma lei que qualificava a homossexualidade como um delito e isso acarretava a inúmeros suicídios. Com a finalidade de derrubar essa lei, o filme “Diferente dos Outros”²¹ foi lançado. A censura a este tipo de filme tinha acabado de ser retirada, mas fora reimplantada por conta dele. Durante a Segunda Guerra Mundial, Hitler destruiu o que acreditava ser todas as cópias, mas anos depois uma cópia foi encontrada.

Já no Brasil, um dos primeiros filmes LGBT foi lançado em meados da ditadura, no ano de 1968, logo após a implantação do AI-5. O filme “Um Clássico, Dois em Casa, Nenhum Jogo Fora” fora produzido na Universidade de São Paulo por Batista e Djalma Limongi e, apesar de ter recebido muitos prêmios em festivais, teve a sua exibição na universidade censurada por conter “influências comunistas”. Logo após, em 1969, o filme “Matou a Família e Foi ao Cinema”²² foi lançado, o filme retrata uma mulher bissexual que se relaciona com uma amiga e com o assassino.



Figura 9 - Cena de beijo homossexual em “*Moonlight*” (2016). Fonte: *Out* (2016)

¹⁸ Direção de Georges Méliès

¹⁹ Direção de Edward Warren

²⁰ Direção de Mauritz Stiller

²¹ Direção de Richard Oswald

²² Direção de Júlio Bressane

A representação da bissexualidade, todavia, no cinema sofre diversas problemáticas, mas a maior dificuldade é a sua escassez. Essa dificuldade se amplia no caso da bissexualidade masculina, que, em 2013, para 102 filmes LGBTs apenas havia apenas um personagem que o representasse. Isso excluindo o fato de que, geralmente, os LGBTs retratados na mídia são homens gays, brancos e ricos, excluindo o LGBT periférico e negro. O ganhador do Oscar de Melhor Filme em 2016, “*Moonlight*”²³, retrata exatamente esse LGBT periférico e negro.

A má representação cinematográfica do bissexual se encontra justificada na duração dos filmes, que dificulta uma construção elaborada. Todavia, existem filmes que apresentam a bissexualidade de forma eficaz, como o brasileiro “Ana e Vitória”²⁴ (2018), tornando essa “justificativa” uma forma de defesa dos estúdios para evitar polêmicas. Os estúdios cinematográficos ainda temem a reação conservadora e, por isso, com frequência, deixam a sexualidade dos personagens LGBT subentendidas, raramente divulgando notas comentando o assunto, como foi o caso de “A Bela e a Fera”²⁵, “*Power Rangers*”²⁶ e até mesmo “Caça-Fantasma”²⁷ (2016), no qual o diretor confirmou e afirmou que os estúdios não gostam de quando confirmam esse tipo de coisa. O *blockbuster* “Guardiões da Galáxia”²⁸ também sofreu com isso quando seu diretor afirmando haver presença de personagens LBGT+ mas nada aparece durante o filme. Os filmes de super-herói praticam uma “lavagem hétero”, isto é, deixar o personagem hétero ou não mencionar sua sexualidade na transposição cinematográfica, intensa, sendo que a maioria dos heróis são bissexuais nos quadrinhos, destaque para “Mulher-Maravilha”²⁹ (2017), “Capitão América: O Primeiro Vingador”³⁰ (2011) e “Thor: Ragnarok”³¹ (2017).

²³ Direção de Barry Jenkins.

²⁴ Direção de Matheus Souza

²⁵ Direção de Bill Condon

²⁶ Direção de Dean Israelite

²⁷ Direção de Paul Feig

²⁸ Direção de James Gunn

²⁹ Direção de Patty Jenkins

³⁰ Direção de Joe Johnston

³¹ Direção de Taika Waititi



Figura 10 - Cena do filme “Azul é a Cor Mais Quente” (2013). Fonte: Universa (2019)

Mas o problema vai além dos estúdios, dos roteiristas e diretores: muitas vezes há uma presença bissexual na película, porém o público associa aquele filme à homossexualidade. Exemplos vívidos disso são os filmes reconhecidos como “ícones” cinematográficos homossexuais como o francês “Azul é a Cor Mais Quente”³² (2013), “Carol”³³ (2015), “Me Chame Pelo Seu Nome”³⁴ (2017) e “O Segredo de *Brokeback Mountain*”³⁵ (2006). Um caso atual é o do filme biográfico “*Bohemian Rhapsody*”³⁶ que retrata a trajetória da banda *Queen* com ênfase na vida de seu vocalista, Freddie Mercury. Após o lançamento, houve grande discussão quanto ao filme devido às vaias que foram feitas em exibições por causa das cenas homossexuais. Os defensores do cantor afirmavam que todos sabiam que Mercury era gay, porém ele não era: Freddie Mercury afirma diversas vezes, inclusive há uma cena mostrando isso, que é bissexual.

Outra forma de se praticar o apagamento é através da reprodução de que a bissexualidade é apenas uma fase. Geralmente é apresentado em filmes que retratam a vida universitária, onde a mulher “passa por uma fase lésbica” e o público só sabe através da fala. As problemáticas ligadas aos estereótipos também são grandes: fetichização, ideia de infidelidade e promiscuidade. Em ambos os filmes, “Paraisos Artificiais”³⁷ (2012) e “*Spring Breakers*”³⁸ (2012), há uma abordagem da bissexualidade num contexto de festa e drogas,

³² Direção de Abdellatif Kechiche

³³ Direção de Todd Haynes

³⁴ Direção de Luca Guadagnino

³⁵ Direção de Ang Lee

³⁶ Direção de Bryan Singer

³⁷ Direção de Marcos Prado

³⁸ Direção de Harmony Korine

reforçando uma ideia de promiscuidade, além de reproduzi-la no contexto de um *ménage a trois*, reforçando a ideia de que o bissexual precisa estar simultaneamente com os dois sexos para estar satisfeito. A infidelidade é o estereótipo mais reproduzido da bissexualidade, filmes como “O Preço da Traição”³⁹ (2009), “Carol” e “Me Chame Pelo Seu Nome” são exemplos vívidos disso. O assassinato de personagens bissexuais também é comum. Foi o caso do filme “A Maldição do Chucky”⁴⁰ (2013) no qual, logo após ser apresentada a relação bissexual (mais uma vez, realizada através do adultério), as personagens são assassinadas pelo boneco assassino.

Em 2016, o cinema contava com 18,4% de personagens LGBT, já em 2017 havia só 12,8%, sendo a menor taxa desde 2012, ano em que começou a ser contabilizada a representatividade. E mesmo quando havia aparições, estas eram tão pequenas que não ultrapassavam cinco minutos de tela.

2.1.1. “Me Chame Pelo Seu Nome” (2017)

O filme indicado ao Oscar de 2018 se passa numa cidade do Norte da Itália, em 1983. Enquanto os atos homossexuais foram legalizados nesse território em 1890 pela ONU, o relacionamento homossexual só foi reconhecido em 2016 e o casamento ainda não é legalizado. Os anos 80 foram repressivos pra comunidade LGBTQ+ por conta da epidemia de HIV, a qual os bissexuais eram constantemente apontados como culpados.

O sensível e único filho da família americana com ascendência italiana e francesa Perlman, Elio (Timothée Chalamet), está enfrentando outro verão preguiçoso na casa de seus pais na bela e lânguida paisagem italiana. Mas tudo muda quando Oliver (Armie Hammer), um acadêmico que veio ajudar a pesquisa de seu pai, chega. (<https://www.travessa.com.br/me-chame-pelo-seu-nome/artigo/b86f3e68-14e7-47a7-b91f-fc64f99d39af>)

Ao que tudo indica (a resposta da audiência e sinopse) é uma história sobre o despertar homossexual de um rapaz. Porém, a trama nos diz que se trata de um relacionamento entre dois judeus bissexuais, um no início da vida adulta e outro mais maduro. Elio tem uma namorada no decorrer da história e demonstra gostar muito dela. Enquanto Oliver também se relaciona com mulheres durante o decorrer da história e termina se casando com uma. Isso demonstra o quão invisibilizado o bissexual é: mesmo com dois personagens protagonistas ainda assim tudo o que

³⁹ Direção de Atom Egoyan

⁴⁰ Direção de Don Mancini

veem é o relacionamento atual do bissexual, ou seja, estando em um relacionamento hétero ele “se transforma” automaticamente em hétero e vice-versa.



Figura 11 - Cena do filme “Me Chame Pelo Seu Nome” (2017). Fonte: "OGrito!" (2017)

O primeiro contato físico entre os dois acontece quando Oliver toca o ombro de Elio e este se assusta, fazendo com que o primeiro o massageie para que ele fique mais calmo, deixando-o desconfortável. Essa cena coloca o bissexual como aproveitador da condição de permear diversos ambiente, héteros e homos, perpetuando a ideia de que o bissexual não pode ter amizades sem ter envolvimento sexual. Após a primeira relação sexual, o nariz de Elio sangra. Isso recorda a obra literária brasileira de 1890 “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo, onde Pombinha, ao perder a virgindade com uma mulher, menstrua. Durante a trama, Elio se relaciona sexualmente com Oliver e com sua namorada. Além da traição também traz o estereótipo de promiscuidade, reforçado por uma cena que o protagonista se masturba com um pêssago.

Oliver decide parar com o relacionamento pois quer ser bom e aquilo não era certo. Essa cena não é tão problemática na questão de representação já que o contexto histórico-social da obra deve ser levado em conta e é válido se analisarmos ainda mais o personagem. Elio é muito ligado à sua família, eles logo percebem e falam pra ele que pode conversar com eles sempre que quiser e sobre tudo que quiser. Entretanto a relação deles com seus amigos homossexuais é diferente: quando o casal aparece para o jantar a família zomba deles, Elio inclusive, justificando que o faz devido a inspiração na mãe.

Mais tarde, o pai tem uma conversa com ele, na qual ele diz que talvez Elio não tenha sentido nada e que talvez ele não seja a pessoa com quem ele quer conversar sobre isso mas que o que eles sentiram foi mais que amizade e que em seu lugar, muitos pais esperariam que aquilo desaparecesse, rezariam pra que os filhos ficassem bem mas que ele não era esse tipo de pai. O menino pergunta se a mãe também sabe e o pai diz que acha que ela sabe. Quando Oliver liga para contar de seu noivado, justifica falando que seu pai o colocaria em um internato se soubesse a verdade. Os pais de Elio o confortam nesse momento.

As roupas também seguem o padrão dos memes da internet citados previamente, entretanto podemos levar em conta que essa era a moda no tempo em que se passa o filme. Ambos, Timothée Chalamet e Armie Hammer nunca falaram sobre suas sexualidades publicamente, mas sempre foram vistos apenas com mulheres, então presume-se que sejam héteros.

2.1.2. “*Spring Breakers: Garotas Perigosas*” (2013)

O filme estadunidense se passa em Miami, Flórida no ano de 2013. *A Mecca Gay*, como é popularmente conhecida, possui uma das maiores comunidade LGBTs do mundo, com vida noturna desde os anos 30 e vários bairros e festivais dedicados a essa população. O filme tem $\frac{3}{4}$ das protagonistas como bissexuais.

Candy (Vanessa Hudgens), Faith (Selena Gomez), Brit (Ashley Benson) e Cotty (Rachel Korine) são quatro jovens inconstantes que assaltam um restaurante para poderem juntar dinheiro e tirar férias na praia durante a primavera norte-americana, num período conhecido como "spring break". No local, elas se envolvem em confusões e acabam presas. Na delegacia, conhecem um criminoso barra pesada (James Franco) que se encanta por elas e tenta convencê-las a integrar seu grupo. (<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-199070/>)



Figura 12 - Foto promocional do filme “Spring Breakers: Garotas Perigosas”. Fonte: "Santa" (2013)

O filme retrata abuso de drogas, ao qual normalmente o comportamento bissexual está inserido no filme, dando uma conotação de resposta a drogas pra sexualidade. Geralmente essas cenas ocorrem com as meninas utilizando biquínis ou sem roupa, sexualizando o corpo feminino e colocando o bissexual de novo no lugar de promiscuo. Outra característica que reforça isso são as cenas que elas ficam com várias pessoas ao mesmo tempo, incluindo *ménages a trois*⁴¹. Outro ponto do filme, é de que tudo que se passa nessa viagem é transitório, incluindo a sexualidade delas. O que reforça, novamente, a ideia de transitoriedade da bissexualidade. As roupas durante o filme são sempre extremamente sexualizadas, mas não seguem o estereótipo dos bissexuais. Dos atores, a única confirmada bissexual é a atriz Ashley Benson.

2.2. Televisão

As mesmas dificuldades apresentadas no cinema quanto à representação, podem ser observadas na televisão, porém contando com um número relativamente maior do que no cinema. Apesar da bissexualidade vir ganhando um crescimento lento nessa representatividade, observamos que essa ainda é muito precária, especialmente para homens bissexuais: em 2014, para 66 personagens LGBT, sendo esses regulares ou recorrentes, 35 eram homens e apenas 4 desses eram bissexuais. Segundo o GLAAD (*Gay and Lesbian Alliance Against Defamacion*),

⁴¹ Sexo à três.

Vídeo: <https://youtu.be/3Pds1J-2kzk>.

a representação bissexual na televisão subiu de 20% para 30% em 2016, porém, na tv paga houve uma queda de 35% para 32%.



Figura 13 - Cena de *ménage a trois* na série “*Gossip Girl: A Garota do Blog*” (2007-2012) usada como *gays for sweeps*. Fonte: *Série Maníacos* (2009)

Uma prática habitual na televisão norte-americana é o *gays for sweeps*, isto é, quando um personagem, aparentemente hétero, relaciona-se com uma pessoa do mesmo sexo. Geralmente é anunciada previamente com alarde. A bissexualidade nunca é mencionada e o personagem retorna a sua existência heterossexual após a “aventura”. É como se o personagem fosse temporariamente gay. Essa prática era muito utilizada, principalmente, nos anos 2000, quando, mais que nunca, a bissexualidade era ligada à um contexto de sexualização e atrativo para o sexo masculino. As séries de sucesso da época “*The O.C.: Um Estranho no Paraíso*”⁴² (2003-2007) e “*Gossip Girl: Garota do Blog*”⁴³ (2007-2012) passaram por esse lugar de “gays temporários”.

Em 2009, a série “*Glee*”⁴⁴ foi lançada tratando de temáticas como homossexualismo e transexualidade. Ainda que com alguns equívocos e estereótipos, serviu de base para que outras séries fossem implantadas no mercado. Entretanto, a bissexualidade é retratada de novo no enquadramento do estereótipo de infidelidade em uma cena na qual a personagem Santana Lopez (Naya Rivera) fala que o lado bom de namorar uma lésbica era que ela não a trocava por um homem, deixando subentendido que sua ex-namorada, Brittany S. Pierce (Heather Morris) o havia feito e que esse era um risco presente sempre num relacionamento com um bissexual.

⁴² Encontrada na plataforma Netflix

⁴³ Encontrada na plataforma Netflix

⁴⁴ Encontrada na plataforma Netflix

Ocorre também de ligarem a bissexualidade à comicidade, tornando-a uma piada, como é o caso de “*How I Met Your Mother*”⁴⁵ (2005-2014) na qual as cenas em que a personagem Lily Aldrin (Alyson Hannigan), casada com Marshall Eriksen (Jason Segel), traz à tona seus sentimentos por Robin Scherbatsky (Colby Smulders), são associadas à comicidade puramente por ser um sentimento de uma mulher por outra mulher. Enquanto série de comédia musical “*Crazy Ex-Girlfriend*”⁴⁶ (2015-2019) traz um número no qual o personagem Darryl Whitefeather se assume bissexual e explica a bissexualidade, se utilizando da risada de forma satírica e criticando os estereótipos usuais. Geralmente a bissexualidade está ligada a personagens com moral duvidosa, anti-heróis e vilões, são exemplos: “*Mr. Robot*”⁴⁷ (2015-presente), “*Revenge*”⁴⁸ (2011-2015) e “*Pretty Little Liars*”⁴⁹ (2010-2017).



Figura 14 - Cena legendada de apagamento bissexual na série “*Orange Is The New Black*” (2013-2019). Traduzido: “Era uma fase, minha fase alma-perdida-pós-faculdade-aventura”. Fonte: *Oh No They Didn't!* (2013)

A série “*Orange Is The New Black*” (2013-2019), produzida pela *Netflix*, traz a personagem Piper Chapman (Taylor Schilling), uma mulher bissexual. Na trama, Chapman está noiva com um homem quando é chamada para depor num caso sobre tráfico de drogas, crime que causa seu encarceramento após a denúncia de sua ex-namorada Alex Vause (Laura Prepon). Todavia, na trama sua bissexualidade é mencionada somente uma vez, enquanto ela é chamada de hétero e lésbica várias vezes, tendo, inclusive momentos no qual suas relações são associadas com “fases” (fase lésbica e fase hétero), reforçando, além do apagamento, o estereótipo de que a bissexualidade é uma fase. Outra série produzida pelo canal de *stream* que traz uma má

⁴⁵ Encontrada no canal Sony de segunda a sexta às 17h

⁴⁶ Encontrada na plataforma Netflix

⁴⁷ Encontrada na plataforma Amazon Prime

⁴⁸ Encontrada na plataforma Netflix

⁴⁹ Encontrada na plataforma Netflix

representação é “*House Of Cards*” (2013-2018). A série apresenta um *ménage à trois* que é associado como vontade e desejo carnal, reforçando a ideia que bissexuais precisam dos dois gêneros simultaneamente, além de associar novamente a questões morais, como a promiscuidade.

A emissora norte-americana NBC foi acusada de “lavagem heterossexual”, isto é, o ato de transformar um personagem bissexual em heterossexual, em sua adaptação do quadrinho “Constantine”⁵⁰ (2014-2015). A acusação foi respondida pelo produtor da série, David Goyer, que constata que “nunca disse que Constantine não era bissexual. Ele apenas não levantava da cama com um homem no programa piloto”. Enquanto isso, na ABC, outra emissora norte-americana, temos um exemplo de destaque positivo que é o sucesso “*How To Get Away With Murder*”⁵¹ (2014-presente) trazendo como protagonista uma mulher negra bissexual. A, provável, maior representação das causas LGBTs é a série televisiva “*True Blood*”⁵² (2008-2014), mas aprofundaremos nesse assunto em breve.

Na televisão britânica, a série “*Skins*”⁵³ (2007-2013), traz a bissexualidade com o conceito de não-rotulação. Esse conceito é associado à uma heteronormatividade que aceita a bissexualidade enquanto uma fase que culminara no retorno à heterossexualidade, uma experiência sexual transitória. A televisão estrangeira passa, como podemos observar, por estágios da representação bissexual: nos anos 2000 ligando à noção de fase e fetiche, enquanto na década de 2010 passa a ser associado à personagens de caráter moral negativo, vilões, anti-heróis e à traição.

Na televisão brasileira, ao contrário do que ocorre na televisão norte-americana, a representação de homens bissexuais é maior do que a de mulheres. De 1970 a 2013, foram escritos 13 homens e 3 mulheres bissexuais. Sendo que, em grande medida, são associados à homossexualidade pelo público devido à ausência de um discurso explicativo quanto à bissexualidade.

Durante os anos 70, período que a causa LGBT chegou ao Brasil, o primeiro casal homossexual foi apresentado em uma novela. A novela “O Rebu” (1974), exibida na Rede Globo, sofreu quatro censuras, sendo duas delas cenas que retratavam os personagens protagonistas como bissexuais. Na trama, a personagem Sílvia é assassinada por Conrad Mahler por ciúmes de Cauê, que tinha um caso com os dois, reforçando, mais uma vez, a noção de que

⁵⁰ Atualmente não passa em nenhum canal e nem se encontra em nenhuma plataforma de *stream*

⁵¹ Encontrada na plataforma Netflix e exibida nos canais Sony e Globo (em intervalo atualmente)

⁵² Encontrada na plataforma HBOGO

⁵³ Encontrada na plataforma Netflix

a bissexualidade ocorre através da traição. As demais representações dessa década foram extremamente estereotipadas, o que ocorre devido ao prematuro contato com a causa.

Os anos 80 trouxeram para teledramaturgia LGBT outra característica destoante da estrangeira: a retratação do LGBT inserido num conceito de classe popular. A primeira vez que um bissexual foi retratado de forma explícita na televisão brasileira foi em 1997, na novela “Zazá” de Lauro César Muniz, exibida pela Rede Globo. Outras novelas de destaque da bissexualidade foram “Império” (2014) e “Segundo Sol” (2018), ambas exibidas pela Rede Globo, sempre sendo associada a traição.

O programa de comédia “Tá no Ar: a TV na TV” (2014-presente), exibida na Rede Globo, fez um vídeo paródico da música “ABC”⁵⁴, originalmente performada pelo grupo *The Jackson’s 5* em 1970, explicando sobre a bissexualidade e desmistificando conceitos criados durante a história, apresentando exemplo de celebridades bissexuais.

2.2.1. “Crazy Ex Girlfriend” (2015-2019)

A série musical estadunidense, exibida originalmente pelo canal CBS, se passa em West Covina, Califórnia, em 2015. O estado da Califórnia foi o primeiro nos Estados Unidos da América a aprovar legalmente a moradia compartilhada de pessoas do mesmo sexo, além de ser o primeiro estado a financiar a cirurgia de mudança de sexos. As escolas passam a ser obrigadas a ensinar sobre LGBT+s e o casamento homossexual foi aprovado em 2013. Logo, vemos que os direitos LGBTs são muito bem construídos no estado.

Rebecca (Rachel Bloom), uma profissional obstinada e de sucesso - e possivelmente um pouco maluca, que é impulsiva, resolve desistir de tudo: sua parceria em uma firma de advocacia de sucesso e seu belo apartamento em Manhattan, em uma tentativa desesperada de encontrar amor, romance e aventura em West Covina. (<http://www.adorocinema.com/series/serie-17664/>)

A série apresenta três personagens bissexuais: Darryl Whitefeather, Maya e Valencia Maria Perez.

⁵⁴ O vídeo pode ser visto neste link <https://globoplay.globo.com/v/6443633/>

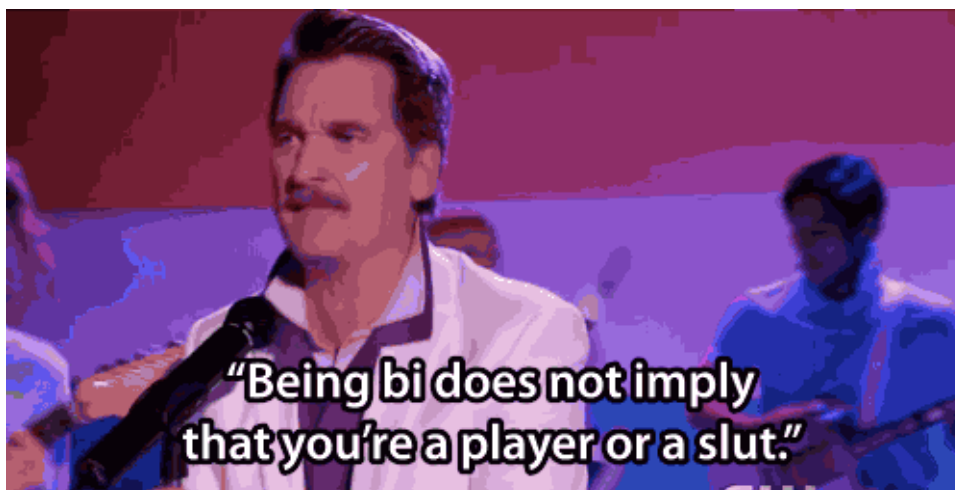


Figura 15 - Darryl Whitefeather cantando a música “*I’m Gettin’ Bi*” sobre bissexualidade. Tradução: Não quer dizer que eu seja enganador ou vadio só porque eu sou bi. Fonte: *Pride* (2016)

Darryl Whitefeather é um pai de uma menina ainda em sua infância e que está passando por um divórcio logo no começo da série. Ele tem muita dificuldade de conseguir a guarda da filha, que é a coisa mais importante para ele, mas acaba conseguindo após descobrir e provar no tribunal que estava sendo traído pela esposa. Isso faz com que ele sofra muito. Ele é o chefe de Rebecca, porém ninguém na firma o leva a sério por ser muito doce e extremamente necessitado de aprovação e afeto.

Após o divórcio, ele começa a se sentir solitário e faz amizade com seu treinador da academia, White Josh, a quem ele admira como inspiração fitness. Darryl começa a questionar sua sexualidade após um beijo na bochecha de despedida de WhiJo. A conclusão chega numa aula de zumba, quando ele se sente atraído por uma bunda masculina e uma feminina. Algo problemático, pois reforça a ideia de que bissexuais sentem atração pelos dois gêneros simultaneamente. Quando ele conta para White Josh sua sexualidade revela o alívio que é dizer isso em voz alta. Uma cena simples, porém, que traz muita sinceridade e correlação com a vida real.

No décimo terceiro episódio da primeira temporada, Darryl leva WhiJo para um encontro fora da cidade. Este percebe que é porque ele está com vergonha de sua sexualidade e diz não querer esse tipo de relacionamento. Darryl não pensa duas vezes em se assumir publicamente em prol do amor de WhiJo. Uma das fases da bissexualidade é a dificuldade de se assumir publicamente e o medo da reação dos conhecidos, amigos e familiares.

No episódio seguinte, Darryl conta para seus colegas de trabalho com a música “*I’m Gettin’ Bi*”⁵⁵, muito didática e desmistificadora dos estereótipos bissexuais. Então Maya fala que fica muito feliz de estar trabalhando em uma firma onde as pessoas são abertas sobre esse

⁵⁵ Vídeo pode ser encontrado no link: <https://youtu.be/5e7844P77Is>

assunto. Os personagens constantemente zombam de Darryl e o tratam como irritante, nunca por causa de sua sexualidade, mas sim de sua personalidade. Porém quando é necessário todos se dispõem a ajudá-lo.

No decorrer da trama, o casal se desenvolve de forma bem doce e natural, sem pressa, mas sempre com carinho. Eles são apontados como relationship goals, isto é, como inspiração de relacionamento, por todos do escritório. Entretanto, enquanto Darryl quer coisas como casamento e um novo bebê, White Josh não quer. Isso acarreta no término deles. O que não impede que todos torçam para que fiquem juntos.

Mais adiante na trama, Darryl se apaixona por uma mulher que é mãe da inimiga de sua filha e, por isso, decide ignorar esses sentimentos. As meninas juntam os dois apesar de seus sentimentos e eles acabam se casando e tendo um filho. Outro ponto positivo para a representatividade da série: o personagem bissexual em um relacionamento sério e monogâmico, sem traições ou encrencas. Valencia Maria Perez começa a série namorando Josh Chan, galã, alvo do amor obsessivo de Rebecca. Eles têm um relacionamento extremamente sério, porém Josh não vê dessa forma. Sua dedicação ao relacionamento é sempre maior que a dele, chegando mesmo a ser traída e perdoar a traição por amá-lo demais. Quando terminam, ela entra em depressão. No segundo episódio da série, Rebecca canta uma música (“*Feeling Kinda Naughty*”) sobre uma obsessão desencadeada por Valencia e o número musical termina com ela beijando Valencia. Esta desaprova e reclama que nunca consegue ter amigas e todo mundo só quer transar com ela.



Figura 16 - Valencia beijando Beth em uma cena do episódio 11 da terceira temporada da série “*Crazy Ex-Girlfriend*” (2015-2019) Fonte: TheBi+Manifesto (2013)

No décimo primeiro episódio da terceira temporada, Valencia conhece Beth como possível cliente para sua nova firma. No mesmo episódio vemos uma passagem avançada de tempo e as duas aparecem namorando e trabalhando juntas. No episódio dezessete da última temporada, Valencia pede Beth em casamento e ela aceita. Quando Rebecca trai seu namorado, Valencia chama sua atenção, o bissexual aparece em um papel completamente diferente do que a mídia normalmente o impõe. Em vez de traidor, ele é contra a traição. Isso auxilia para que o preconceito de que o bissexual é infiel seja repensado e esse estereótipo evitado.

Maya é uma funcionária de Darryl e extremamente parecida com ele. No décimo primeiro episódio da quarta temporada, ela está inserida no sonho de comédia romântica de Nathaniel Plimpton, onde ela sente atração por uma mulher, mas acaba descobrindo que seu amor era o Nathaniel o tempo todo. A possibilidade de um personagem bissexual em comédia romântica apresentada demonstra que essa prática é possível e efetível. No décimo episódio da terceira temporada, Rebecca Bunch diz “Eu não sou bi embora tenha umas tendências. Honestamente na Escala *Kinsey*⁵⁶ eu sou 1,8”. A série não traz personagens estereotipados, contando com um homem pai de família na casa dos quarenta anos de idade, uma professora de ioga sarada, feminina e cuidadosa com a saúde e uma *millennial*⁵⁷ com gosto peculiares e extremamente doce. Todos os atores que retratam personagens bissexuais são héteros.

2.2.2. “*True Blood*” (2008-2014)

A série estadunidense, exibida originalmente pela HBO, se passa em Bon Temps, Louisiana, no ano de 2008. Uma cidade situada no conservador sul dos Estados Unidos, uma região já tão munida de preconceitos. Apesar de o casamento ser aprovado desde 2015, a discriminação não é banida ainda.

Sookie Stackhouse (Anna Paquin) é uma garçonete de Louisiana que perdeu os pais ainda jovem e vive resolvendo as confusões do irmão, Jason (Ryan Kwanten). Certa noite, trabalhando no restaurante de Sam Merlotte (Sam Trammell), ela conhece Bill Compton (Stephen Moyer), um vampiro que irá mudar completamente a sua vida. Apenas dois anos após a divulgação da existência dos vampiros, Sookie descobrirá que faz parte de um mundo sobrenatural, com criaturas de todos os tipos. (<http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-109490/filmografia/melhores/>)

Inspirada na série de livros “As Crônicas de Sookie Stackhouse” (2001) escrito por Chailene Harris, além de ser a série com a maior quantidade de personagens LGBTs, é uma

⁵⁶ Escala criada por Alfred Kinsey em 1948 que apresenta os graus da sexualidade. Hoje em dia é debatida.

⁵⁷ Geração Y, nascidos entre o início da década de 80 e final da década de 90.

metáfora para as lutas de direitos LGBTs. Na trama, os vampiros “saíram do caixão” e estão socializando com os humanos, lutando pelos seus direitos de igualdade civil e sofrendo preconceito, sendo afirmado até que eles não são pessoas. Alguns buscam se adequar aos humanos, se tornando similares a eles enquanto outros são rebeldes que não gostam dos seres humanos por perpetuarem conceitos preconceituosos. O vampirismo é, também, uma metáfora para HIV. Outra metáfora apresentada é a Hep-V, uma espécie de HIV vampírica que afeta os vampiros e os humanos.

Nessa metáfora LGBT, seriam os vampiros homossexuais, os humanos heterossexuais e os *fangbangers* bissexuais? Essa possibilidade se levanta na crise do Hep-V, que se assemelha à HIV e a culpa recaí nos *fangbangers* por passar a doença para os humanos, como aconteceu com os bissexuais na epidemia de HIV.

No primeiro episódio vemos um vampiro sendo entrevistado e ele afirma que os hábitos criticados pelos humanos são praticados pelos mesmos, o que é reforçado algumas vezes na série. Para defender Bill Compton, Sookie diz para seu irmão Jason: “Só acho que julgar todo um grupo com base nas ações de alguns indivíduos é moralmente errado”.



Figura 17 - Jason Stackhouse e Eric Northman em cena de sexo. Fonte: Fica Quietinho (2014)

A série se passa num Estado sulista, região extremamente conservadora e marcada pelo sexismo e racismo, também abordados. Os vampiros são vistos com ódio, sofrendo ataques violentos e sua existência sendo somente possibilitada para fins sexuais e fornecimento de seu sangue (que funciona como droga para os seres humanos). A sexualização dos vampiros

também é muito reforçada, o que nos remete a sexualização do LGBT+, principalmente da mulher bissexual.

Há uma discussão entre a Liga pelos Direitos dos Vampiros contra a Igreja, que é contra o vampirismo, outro paralelo com o LGBT, constantemente perseguido pelas entidades religiosas. É apontado que os direitos dos vampiros ferem os direitos da família. A vó de Sookie, extremamente religiosa, argumenta que “[...] não acho que Jesus ligaria se alguém fosse vampiro.”. Essa Igreja, após um massacre de mulheres que mantinham relações sexuais com vampiros, defende esse assassino, realizando, inclusive, treinamentos. Há uma cena de tentativa de estupro para que uma dessas mulheres que praticam sexo com vampiro deixe de ser o que eles chamam de *fangbanger*. “A Igreja me ensinou a ser um bom cristão e não odiar vampiros.” Hoyt defende os vampiros como a qualquer pessoa pois acredita que todos têm os mesmos direitos. Ele sofre uma intervenção por namorar uma vampira, sendo até expulso de casa.

A força policial também se demonstra ser contra o vampirismo constantemente culpando os vampiros por qualquer crime que aconteça na cidade mesmo que não faça sentido. Além de ignorarem a discriminação que é ilegal e que se torna uma piada para os policiais. O governo também é constantemente um empecilho, por exemplo, o casamento entre vampiros e humanos não é legalizado até o final da primeira temporada. Há várias discussões, manifestações e crises quanto ao assunto durante toda a série.

Outro paralelo traçado é a vida noturna: nos anos 50/60, principalmente, atividades LGBTs eram associadas a esse estilo de vida. A presença de bares e baladas GLS (Gays, lésbicas e simpatizantes) atualmente é uma mostra de que esses hábitos ainda são praticados. E na trama não é diferente, existe um bar, o *Fangtasia*, de vampiros e simpatizantes. Por sofrerem tanto preconceito, os supernaturais retaliaram os humanos. Os vampiros são, quase exclusivamente, bissexuais e com índole questionável. A única exceção é o protagonista, Bill Compton que, apesar de no livro possuir insinuações bissexuais, na série há algumas insinuações apenas ligadas a alimentação.

Anna Paquin, atriz que dá vida à protagonista, é bissexual na vida real. Enquanto Rutina Wesley, responsável pelo papel de Tara Thornton é lésbica. Os demais atores e atrizes não falam sobre o assunto publicamente, alguns tendo namoros com pessoas do sexo oposto e presumivelmente sendo héteros.

Quando comparamos a vida real com a arte, vemos que o que se fala sobre os bissexuais por pessoas desentendidas é que eles são promiscuos, infiéis e que aquilo é apenas uma fase. Podemos observar nessa breve análise de algumas obras o quão esse estereótipo é reforçado nas

mídias. Além de ser irritante para as essas pessoas ouvirem tantos conceitos errados sobre elas baseados em estereótipos, também se torna, em alguns casos, um empecilho para a socialização. O primeiro âmbito é o de aceitação: as pessoas, familiares, principalmente, tendem a ter uma dificuldade de aceitar os bissexuais por acharem que irão se perder na promiscuidade ou então que aquilo logo mudará. Outro ponto que se torna difícil devido a propagação desses estereótipos é a vida amorosa do bissexual: sempre visto como infiel ou como se a sua sexualidade fosse inválida a partir do momento que entra em um relacionamento - quando o relacionamento é hétero é visto como hétero e quando é homossexual, como homossexual. Além de aumentar a feiticização do bissexual, principalmente do sexo feminino, podendo acarretar em estupros.

CAPÍTULO III - A ARTISTA BISSEXUAL

Neste capítulo, através de um profundo estudo sobre arte-vida, a autora dessa monografia se introduz, apresentando suas “raízes” e as implicações que essas tiveram na sua formação como artista e em sua vida pessoal e profissional como bissexual. Trazendo um panorama familiar e histórico, há um compartilhamento de dados geográficos e familiares, bem como a análise da influência que essas obras que tratam sobre a bissexualidade ou apenas a mencionam causam na vida pessoal e artística de pessoas bissexuais, buscando entender meu papel como artista e bissexual, ou seja, as relações éticas e estéticas que atravessam meu ofício e minha existência.

3. As raízes geográficas.

Meu nome é Mariana Saraiva Bonito, nasci em 1997, na cidade de Santos – SP. Entretanto, cresci na cidade vizinha, São Vicente: a primeira vila brasileira. O pioneirismo desta vai além deste previamente citado, atingindo as mais diversas áreas, como agricultura (a reforma agrária teve início no país nesse local, ficando ele conhecido como ‘celeiro do país’ com a implantação da cana de açúcar no território), política (considerada o ‘berço da democracia americana’ foi a primeira cidade nas Américas a ter uma Câmara de Vereadores) e na cultura (além do teatro, que comentarei mais tarde, também foi o berço da literatura americana).



Figura 18 - Bica da Fonte da Vila ou Fonte do Povoada, hoje em dia: Biquinha. Fonte: <https://www.flickr.com/photos/ericandchristian/4911993573/in/set-72157624774692960/>.

Foi na Bica da Fonte da Vila ou Fonte do Povoado, conhecida contemporaneamente como Biquinha, que o teatro surgiu na América. O padre José de Anchieta⁵⁸ (1534-1597) utilizava o espaço para, através do teatro, catequizar os índios da região. Esse teatro tinha uma função religiosa e de apaziguar os confrontos locais entre indígenas e europeus. Para atrair os índios, Anchieta utilizava de algumas práticas ritualísticas de sua cultura e seu idioma, mesclando muitas vezes a língua portuguesa com a língua das tribos e a realidade local com as histórias das vidas dos santos católicos. Próximo a essa bica, o Colégio dos Meninos de Jesus de São Vicente foi construído por Anchieta e pelo Padre Manuel da Nóbrega⁵⁹, também extremamente importante para o teatro jesuíta brasileiro.

A cidade seguiu com a sua tentativa de colonização até que em 1642, a cidade sofreu com uma forte ressaca que gerou o avanço do mar (alguns acreditam até na ocorrência de um maremoto) que destruíram a vila velha e fizeram com que os moradores tivessem que reestruturar toda a cidade. Com isso, Brás Cubas⁶⁰ requereu que o porto mudasse para a cidade vizinha, também localizada na Ilha de São Vicente, Santos. Com o pedido atendido, Santos assume uma posição de maior valorização perante S. Vicente. Essa virada faz com que a cidade de Santos cresça mais que a vizinha, o que podemos ver até os dias atuais: enquanto Santos possui pelo menos três casas de teatro, São Vicente possui uma sala.

A povoação da Capitania de São Vicente, uma das únicas que obteve sucesso, começou em harmonia com os índios. Muitos portugueses que ali moravam se casavam com índias. Porém, com a colonização, os índios começam a ser forçados a levar uma vida diferente da que estavam habituados e se rebelaram contra os europeus, gerando conflitos dos quais, geralmente, saíam vitoriosos. Setenta anos após sua fundação, a cidade é tomada pela tribo Tamoio enquanto as guardas estavam ocupadas protegendo a cidade do Rio de Janeiro. Com esse problema e a falta de ouro nas terras litorâneas, os portugueses começam as bandeiras, caminhando para o interior do país e causando ainda mais o declínio de São Vicente.

⁵⁸ Padre jesuíta, santo da igreja católica e fundador de diversas cidades brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro.

⁵⁹ Sacerdote jesuíta português e chefe da primeira missão jesuíta à América.

⁶⁰ Fidalgo e explorador português, fundador da vila de Santos e governador da capitania de São Vicente.

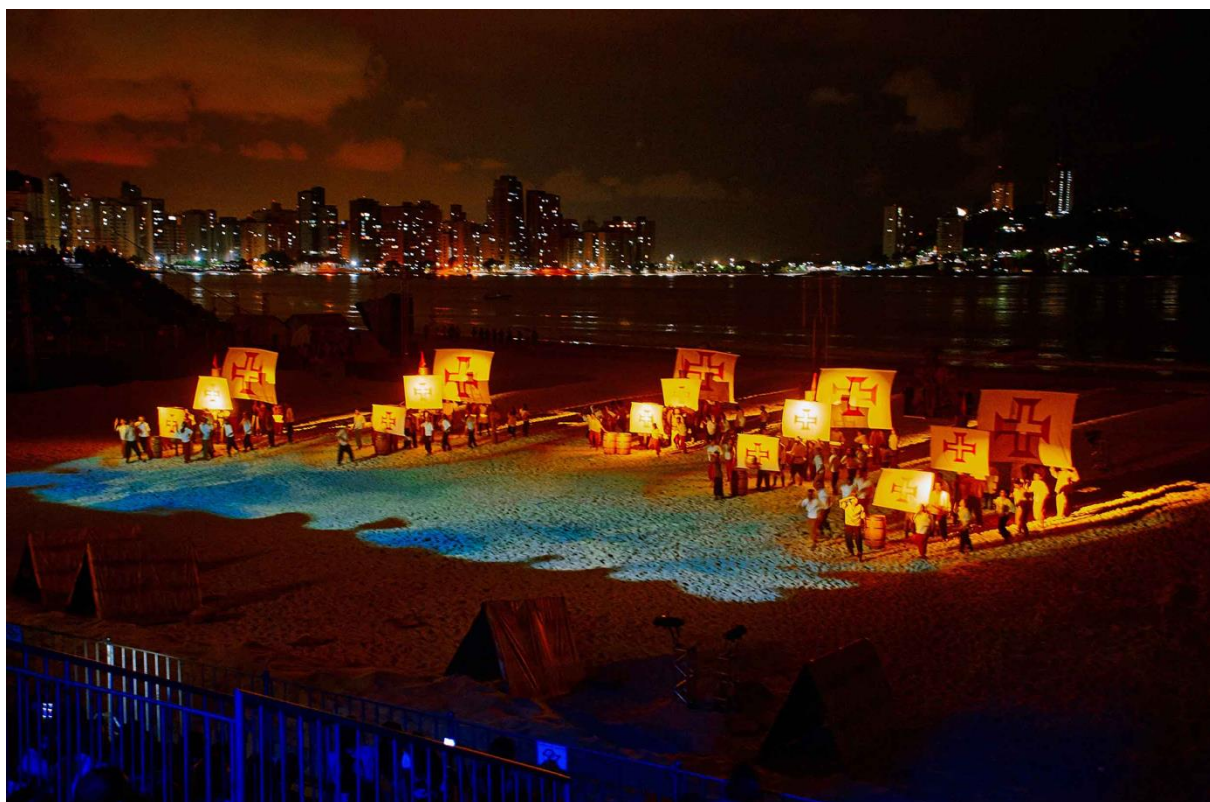


Figura 19 - Encenação de São Vicente. Fonte: Cidade e Cultura.

Em meio esse estado de decadência, no ano de 1958, os moradores da cidade se reuniram para fazer uma apresentação de cunho religioso para celebrar o aniversário da cidade. Essa apresentação ficou conhecida, posteriormente, como Encenação da Vila de São Vicente. Tendo em 1982 tomado aspectos teatrais e, em 1998, com investimento do governo federal, se tornou um grande espetáculo, com arena e atores profissionais. A apresentação conta a história da chegada de Martim Afonso de Souza, fundador da vila, e da fundação da mesma. Sempre apresentada nos três dias posteriores ao aniversário da cidade (22 de janeiro) e transmitida ao vivo no canal local, atrai artistas de todo o Brasil, desde artistas locais que podem se inscrever em um dos prédios históricos da cidade (Casa do Barão) até artistas nacionalmente famosos. Um espetáculo tão grandioso (as naus realmente chegam pelo mar) que em 2002 ganhou o título de maior espetáculo teatral realizado em areia de praia do mundo pelo Livro de Recordes.

Ao ser entrevistado⁶¹, em 2017, Paulo Costa conta que durante seus primeiros anos artistas renomados lutavam para participar da encenação, mas, com o passar do tempo, isso mudou. Os artistas que atraíam mais público, os “globais”, começaram a cobrar altos salários que a cidade não pode pagar. A cidade, que se afundava cada vez mais devido a corrupção dos

⁶¹ Entrevista realizada por Mariana Saraiva em 2017.

prefeitos (tendo um deles saído às pressas da cidade após o fim de seu mandato), começou a priorizar outros projetos para gastar a verba e a Encenação foi posta de lado, não tendo sido realizada por um ano e, logo após, sendo realizada na Casa do Barão ou Palácio do Martin Afonso, local onde fica o Instituto Histórico e Geográfico de São Vicente.

Atualmente, a encenação está de volta as praias e terá um ator transexual, Thammy Miranda, filho da cantora Gretchen Miranda. A cidade planeja com isso mostrar que é *gay friendly*⁶², isto é, apoia as causas LGBT, durante minha entrevista com um responsável, ele afirmou que havia conflitos quanto a essa escolha. Para assistir à Encenação, basta trocar um quilo de alimento não perecível em um dos pontos de venda de ingresso.

Outro contato teatral que a cidade apresenta é o Parque Cultural Vila de São Vicente. Uma vila construída em 2001 com aspectos de meados de 1530, período da fundação, que busca uma regressão como se fosse “uma cápsula do tempo”. Na época de sua inauguração, segundo Rodrigo Bola, a vila contava com isolamento acústico através de autofalantes que tocavam fado, música portuguesa, o dia inteiro, casas que vendiam mercadorias portuguesas como comidas, artesanatos, entre outras coisas, e encenações de micro cenas cotidianas que contavam como era a vida naquela época em São Vicente. Eram mais de 70 cenas com atores contratados. Os figurinos eram utilizados até pelos comerciantes da vila. A proposta era que fosse uma Encenação durante o ano todo. Além disso, dentro da vila, há um teatro, onde eram apresentados espetáculos de bonecos que também eram comercializados na vila. Os espetáculos contavam a história de uma lenda indígena muito forte na cidade que é a lenda do Ipujiara, um monstro marinho que matou uma índia e seu amante.

Depois de um tempo, formou-se uma companhia teatral chamada Trupe Cênica Vila de São Vicente. Eles apresentavam uma peça diferente por dia. Entretanto, o governo Tércio parou de investir na vila em 2006, fazendo com que os próprios atores tivessem que financiar o trabalho. Como era demais para seus financiamentos, a frequência das apresentações foi diminuindo, de uma apresentação grande por dia passou para uma por mês, e a vila se tornando cada vez menos caracterizada, chegando ao ponto de ser sublocada para outros eventos. Não sem antes ganharem premiações por encenações como a “O Caixeiro da Taberna”.

Hoje em dia, há uma proposta de revitalização da vila através de oficinas teatrais de interpretação, figurino, máscaras, confecção de bonecos, etc... mas a procura é quase

⁶² Lugares, políticas ou pessoas que promovem uma convivência confortável e segura para a comunidade LGBT+.

inexistente. A sala de teatro, conhecida como Teatro José de Anchieta, ainda pode ser utilizada, mas poucos sabem de sua existência, ficou parada durante um período devido à má iluminação ter aquecido o teto e este cedido.

A pergunta mais forte ao redor de São Vicente é “Porque a cidade de onde o teatro se originou nas Américas tem tão pouco investimento no campo teatral?”. A cidade não conta nem mesmo com um Teatro Municipal. Essa obra chegou a ser iniciada em 2009, porém nunca foi concluída. A estrutura proposta para o teatro era grandiosa, contando com 497 lugares para plateia, área de apoio, camarins, sanitários com acessibilidade, acervos, foyer, cafeteria, bomboniere, jardins internos, salas administrativas, bilheteria, estacionamento, copa, espaço para tradução simultânea e para aparelhagem técnica e sala de som e iluminação. Nunca houve problemas de infiltração relatados, nunca foi embargada, simplesmente foi abandonada, deixada de lado.

Apesar de anos depois de sua (se é que se pode chamar assim) hegemonia Santos ter sofrido com a falta de saneamento e seus barões do café terem mudado para São Vicente, a cidade não se recuperou devido à crise do café que se sucedeu e afundou esse novo povo vicentino. São Vicente, como cidade, até os dias atuais, tenta buscar alguma atração para que haja uma revalorização. Houve momentos de glória, quando fora reconhecida como balneário e local de repouso e quando o baile Mares do Sul atraía as mais diversas celebridades para pular Carnaval em um dos mais famosos clubes da cidade (Ilha Porchat Clube), mas nada que durasse.

Outra colisão entre arte e a comunidade é a Batalha do Caoz, uma batalha de RAP (ritmo e poesia) direcionada às mulheres e LBGT+s, normalmente excluídos desse cenário. A batalha ocorre todo sábado em São Vicente.

3.1. As raízes familiares.

Filha de um casal hétero e que permanece unido até hoje, sempre tive incentivo à arte dentro de minha casa. Meu tio-avô, Hamilton Saraiva, trabalhava com teatro e, portanto, nunca faltaram peças para frequentar. Além disso, meus pais sempre acreditaram na cultura como veículo de difusão de conhecimento, seja esse institucional ou emocional.

Meu tio Alexandre, irmão de minha mãe, era bissexual, até onde sei. Digo “até onde sei” porque sua sexualidade nunca foi discutida em nossa família. Era comentado o fato de ele ter um namorado e lembro de falarem de paixões que ele tinha por mulheres, mas nunca foi

conversado isso. A família não utiliza nomes e nem menciona nada do tipo. Atribuo a esse fato o modo como sempre enxerguei sexualidade: como algo que não é importante de ser discutido. Reconheço a problemática de isso não ter sido discutido e também enxergo que essa conversa poderia ter tornado a minha própria identificação como bissexual mais fácil. Entretanto, acho válido destacar que meu tio faleceu em 1998, deixando muita saudade em nosso pouco tempo de contato, e que esse dado nos leva ao importante fato de que a bissexualidade era raramente discutida nessa época e quando o era sempre vinha com estigmas sociais e má conceituação, dificultando a existência desse diálogo principalmente com a família. Logo, não vejo motivos de culpar ninguém por essa conversa não ter existido.

Minha prima é uma mulher bissexual, atualmente casada com um homem transsexual (quando o casamento aconteceu, esse homem ainda se identificava como mulher). Namoradas desde 1997, casaram-se em 2017 mas já viviam juntas há muito tempo. Também não era discutida a questão da sexualidade delas até próximo do casamento. Minha mãe disse que, apesar do choque para a família na época, eles sempre trataram sua namorada com muito carinho e respeito, afinal de contas: ela era um doce com todos. Entretanto, alguns membros da mesma não compareceram ao casamento alegando que não concordavam com aquilo. Após a transição, a família foi bem aberta à adaptação, ocorrendo, às vezes, dificuldade para chamar pelo nome social, mas atualmente essa dificuldade já foi superada. Assim como grande parte dos lares brasileiros, para não dizer ao redor do mundo, as piadas homofóbicas aparecem; de forma sutil e automática, introduzidas por anos de falta de conscientização. Em conversa com meus pais, eles expressaram desconforto com esse tipo de “piada” e enfatizaram o quão antiquadas elas são.

Os programas televisivos, principalmente da Rede Globo, foram grandes pontos de partida para conversas sobre sexualidade e gênero em minha casa. O exemplo mais recente e que eu mais gosto é o da novela *A Dona do Pedaço* (2019) de Walcyr Carrasco: questionei porque o bissexual era sempre apresentado através de uma traição e recebi de volta um “nas novelas todo mundo trai”. Não é bem verdade, muitos personagens realmente traem em novelas, mas para a quantidade de personagens heterossexuais que as novelas possuem, o número dos que traem é mínimo. Enquanto quase todos os bissexuais o fazem nas novelas. Logo depois questionei também o porque de a bissexualidade do personagem ser a chave de humilhação para a ex-mulher e filha, sendo que o homem possuía inúmeros desvios de caráter. A resposta que eu recebi foi de reafirmação disso, seguida de uma abordagem do tema desse trabalho: após

pensar nesse conversa minha mãe confirmou que vemos inúmeros filmes e em quase nenhum deles tem personagens bissexuais e que quando há, é posto dessa forma.

3.2. Chá de revelação.

Quando a minha cidade “descobriu” a bissexualidade e muitas pessoas começaram a falar sobre o assunto, em minha casa ouvia atribuições à confusão, uma fase e promiscuidade. Aceitei esses termos como uma verdade e excluí a bissexualidade como algo real, até mesmo julgando as pessoas que se declaravam bissexuais em meu meio.

Concomitante, muitos pais tentavam conversar com os meus para que eles me levassem ao psicólogo, afinal de contas, uma menina nessa idade que ainda não havia dado o primeiro beijo tinha que ser lésbica e isso ainda podia ser tratado nessa idade. Meus pais nunca escutaram nada disso e só me contaram isso anos depois com medo de me magoar. E mesmo que, de em quando, sentia algo estranho por meninas e cogitava essa possibilidade, logo a descartava, pois gostava de homens. Nunca cogitando a possibilidade de gostar dos dois.

Aos 18 anos de idade isso mudou: assisti uma série chamada “*Scream*”⁶³ (2015-presente). Nela, uma das protagonistas é uma personagem bissexual. Ao assistir aquilo eu entendi que era exatamente aquilo que eu sentia e que estava tudo bem. Eu não era confusa, aquilo não era uma fase e eu não era promiscua por sentir aquilo. Não contei para ninguém até a minha ingressada na universidade.

Comecei contando para os meus amigos mais próximos e a sensação é exatamente aquela dita por Darryl Whitefeather de “*Crazy Ex-Girlfriend*”: alívio. É como se um peso fosse retirado das costas e ver essa percepção em uma série de televisão ajuda as pessoas que estão passando por esse momento de dúvida entre contar e não contar.

Meus pais vieram bem depois, guiada pelo medo daqueles dizeres da adolescência sobre o que são bissexuais, segurei até não poder mais. A primeira reação não foi positiva: pediram que eu não desistisse de homens, nem fosse promiscua, perguntaram se era por causa da universidade e se eu queria ver um psicólogo (eu havia pedido por conta da ansiedade que eles atribuíram à minha sexualidade). Entretanto, na mesma semana, eles me sentaram e falaram que me amariam da mesma forma e que nada podia mudar isso. Palavras que demorei para

⁶³ Encontrada na plataforma Netflix

aceitar como verdade, mas que hoje sei que são. Eles acompanharam meus relacionamentos, de forma conflituosa, mas o tipo de conflito que todo pai tem com os relacionamentos dos filhos. Obviamente, há certas coisas que eles não entendem sobre sexualidade e gênero: foram criados em outra época em que essas temáticas não eram discutidas de forma tão ampla. Minha mãe pediu para que eu não contasse para todos, principalmente família e amigos deles, assim como tomasse cuidado com redes sociais pois isso poderia “destruir a minha carreira antes de começar”. Entendo seu ponto de vista. Mas não posso segui-lo integralmente. Desculpa, mãe.

3.3. Liquidificador

Como dito previamente, acredito que a arte seja um grande propagador de ideias e ideais. Isso pode ser usado de qualquer forma, já foi utilizado de forma prejudicial: quando Hitler usou para implantar o nazismo. Tentar separar a arte, da vida e da política é completamente inútil: elas se complementam e se tornam necessárias umas as outras.

Isso engloba a causa LBGT quando vemos a arte ser usada para a propagação de mais ideias invertidas sobre a comunidade. Se os crimes de LGBTfobia são tão praticados, mesmo com uma legislação que, de certa forma, dê apoio à causa, então outros meios precisam ser acessados para que haja uma solução. A melhor forma é o conhecimento, através da educação tudo se torna mais orgânico. Entretanto, esse meio atinge uma parcela menor da sociedade, sendo que, em grande maioria, as pessoas que praticam esses crimes não estão mais inseridos no âmbito escolar primário, onde essas políticas de educação sexual deveriam ser implantadas, tornando necessário outro modo de abordagem. É nesse lugar que entra a arte. Através de obras que tragam explicações sobre coisas da causa que são de difícil conhecimento pra quem não está inserido, apresentando uma imagem real e sem estereótipos dos membros da comunidade e trabalhando para que haja também uma inserção destes no meio de trabalho.

CONCLUSÃO: E AGORA, JOSÉ?

Vejo no presente e para o futuro uma grande oportunidade para as minorias. Há ainda muitos empecilhos em nossos caminhos, mas a cada dia a arte das minorias se encontra mais em evidência e as pessoas que vão contra esse movimento estão sendo cada vez mais vistas com olhos negativos. Seja por modismo ou por que a sociedade finalmente acordou. Eu tenho uma opinião um pouco controversa sobre modismo: eu acho ótimo. Usemos a moda do LGBTQ+ a nosso favor. Se eles querem vender nossa estética, nossa história, nosso ponto de vista então vamos tomar frente nesse comércio. O que não podemos é deixar que façam isso sem a nossa participação ou de forma imprudente como vem sendo feito até então. Paco Vidarte alerta que se não criarmos será criado para nós e não embarcará nossas necessidades e realidades, reforçando a urgência de tomarmos a frente nesse modismo.

Para ganharmos voz, primeiro precisamos que falem por nós: essa fase já passou. Temos uma voz mesmo que essa seja ainda muito baixa e frequentemente silenciada, precisamos nos unir para reforçar esse coro. Não vejo tanto mal em empresas grandes usarem o LGBTQ+ pra vender, se feito coerentemente, mas isso não pode ser o ponto final, apenas uma vírgula. Nós temos que dar o ponto final.

Me interessa falar sobre a minha sexualidade em meus trabalhos, principalmente, porque foi através da arte que eu me encontrei. Vejo-a como grande potencializador de encontros e descobertas. É através dela que nos descobrimos e descobrimos que não estamos sozinhos. Se eu me sinto dessa forma, está tudo bem: o outro também se sente. E como negar a transmissão de conhecimento ao próximo? Posso não saber tudo sobre sexualidade e nem tudo sobre mim, mas vejo como de suma importância que eu transmita o que eu sei; assim como eu receba aquilo que eu não sei.

Mas acima disso, não quero ser somente minha sexualidade. Não quero que todos os meus trabalhos sejam pautados na minha sexualidade. O fato de eu ser uma atriz bissexual não anula o fato de eu ser uma atriz, de eu ter ansiedade e ter tantas outras questões com as quais tenho interesse de trabalhar. Acho que por isso que até então não produzi nada que trabalhe a minha questão sexual. Não me leve a mal: estou produzindo, meu trabalho de conclusão de curso prático será sobre isso.

E essas coisas não precisam se anular. Infelizmente, a maioria dos títulos LGBTQ+s ficam estigmatizados com essa temática sendo que tem tantos outros assuntos tratados ali. Como é o

caso de *Orange Is the New Black*, uma série em que a sexualidade das personagens é o menor dos temas dentro do enredo, que trata de temáticas como racismo, imigração, sistema carcerário e por ai vai. Só a presença de um artista bissexual para quem também é, já muda tudo. Já causa uma sensação de pertencimento e de possibilidades. Artistas como Evan Rachel Wood, Drew Barrymore, Anna Paquin, Angelina Jolie, Megan Fox e Sarah Paulson dão forças para que enxerguemos a possibilidade de sermos artistas e LGBTQ+s, mostram que as nossas carreiras não acabam por sermos quem somos publicamente e nos dão uma sensação de pertencimento, anulando a solidão LGBTQ+ mencionada por Paco Vidarte em “Ética Bixa”.

Portanto, sim, quero trazer minha sexualidade para os meus trabalhos e trabalhá-la nos mais diversos contextos, nem sempre dando protagonismo à essa questão, trocando experiências e experimentações, buscando novos pontos de vistas e entregando os meus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- PERON, James. “How Many LGBT People Are There? Should It Matter?”.
IN: **Huffpost**. https://www.huffingtonpost.com/james-peron/how-many-lgbt-people-are-there-should-it-matter_b_2007499.html Acessado em: 17/08/2019.
- MORENO, N. “A máscara alegre: contribuições da cena gay para o teatro brasileiro”.
IN: **Sala Preta**. V. 2. São Paulo: USP, 2002, pp. 310-317. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v2i0p310-317> Acessado em: 21/08/2019.
- CASTILHO, L. “5 autores essenciais para entender a literatura LGBT brasileira”.
IN: **MdeMulher**. 2018. <https://mdemulher.abril.com.br/cultura/5-autores-essenciais-para-comecar-a-entender-a-literatura-lgbt-brasileira/> Acessado em: 21/08/2019.
- LONGO, F. “24 livros pra dar pinta e tentar entender o ‘ser LGBT’”. IN: **Revista Forum**. 2015. <https://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2015/09/16/24-livros-lgbt/> Acessado em: 21/08/2019.
- MINERVINO, T. “Entre os LGBTs, os bissexuais são os que ficam mais tempo no armário, diz pesquisa.”. IN: **Observatório G**. 2018. <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2018/08/entre-os-lgbts-os-bissexuais-sao-os-que-mais-tempo-ficam-no-armario-diz-pesquisa> Acessado em: 21/08/2019.
- “Brasil Diversity – Festival de Peças de Teatro LGBT”. IN: **Canal Londres**. <https://www.canallondres.tv/brazil-diversity-festival-de-teatro-lgbt/> Acessado em: 23/08/2019.
- CANAL MEIA DÚZIA. “Os 3 Primeiros Filmes LGBT da História”. <https://www.youtube.com/watch?v=t8684uhzSkA> Acessado em: 23/08/2019.
- REDAÇÃO JC. “ECA teve seu primeiro filme LGBT em plena ditadura” IN: **Jornal do Campus**. 2018. <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2018/04/eca-teve-seu-primeiro-filme-lgbt-em-plena-ditadura/> Acessado em: 23/08/2019.
- “Primeiro filme com personagens gays foi feito em 1919”
IN: **gay.blog.br**. 2017. <https://gay.blog.br/cultura/filmes-tv-e-series/primeiro-filme-personagens-gays-foi-feito-em-1919/> Acessado em: 23/08/2019.
- COLETTI, C. “Oscar do arco-íris! 10 filmes LGBT que venceram o prêmio”.
IN: **Observatório do Cinema**. 2018. <https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/listas/2018/03/oscar-do-arco-iris-10-filmes-lgbt-que-venceram-o-premio> Acessado em: 23/08/2019.
- “Representatividade LGBT no cinema cai em 2017”.
IN: **Veja**. 2018. <https://veja.abril.com.br/entretenimento/representatividade-lgbt-no-cinema-cai-em-2017/> Acessado em: 23/08/2019.

GIAROLA, G. “Representação LGBT no cinema”. IN: **Desencaixados**. 2018. <https://desencaixados.com/coluna/representacao-lgbt-no-cinema/> Acessado em: 23/08/2019.

GIMENEZ, L.O. “A (in)visibilidade bissexual: pessoas da comunidade discutem formas de se posicionar na sociedade.”. IN: **Uai Saúde**. 2017. <https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2017/07/16/noticias-saude,209743/lado-b-a-in-visibilidade-da-comunidade-bissexual.shtml> Acessado em: 23/08/2019.

Independent. “Por que 2017 foi um ano decisivo para o cinema LGBT?”. IN: **O Globo**. <https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/por-que-2017-foi-um-ano-decisivo-para-cinema-lgbt-22118283> Acessado em: 24/08/2019.

NEGRÃO, V. “O cinema LGBT de todos os tempos em 15 filmes do nosso coração”. IN: **IGay**. 2017. <https://igay.ig.com.br/colunas/vicente-negrao/2017-09-06/cinema-lgbt-lista-filmes.html> Acessado em: 24/08/2019.

MELLO, A. “Deputado quer proibir conteúdo LGBT na televisão”. IN: **Estado de Minas**. 2017. https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2017/10/17/interna_politica,909300/deputado-quer-proibir-conteudo-lgbt-na-televisao.shtml Acessado em: 24/08/2019.

MENDES, G. “Representação de LGBTs na mídia: entre o silêncio e o estereótipo”. IN: **CartaCapital**. 2017. <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/representacao-de-lgbts-na-midia-entre-o-silencio-e-o-estereotipo> Acessado em: 24/08/2019.

Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_programas_de_televis%C3%A3o_com_personagens_LGBT Acessado em: 24/08/2019.

MAGALHÃES, L. “Por que nem toda representatividade LGBT é válida”. IN: **Medium**. 2017. <https://medium.com/cinesuffragette/por-que-nem-toda-representatividade-lgbt-%C3%A9-v%C3%A1lida-ac93acf5004e> Acessado em: 24/08/2019.

LEVY, A. “Pink Money: a falsa representatividade LGBTQ+”. IN: **Café Radioativo**. <https://www.caferadioativo.com/2018/07/pink-money-lgbtq/> Acessado em: 24/08/2019.

“Entenda o projeto de Cura Gay”. IN: Jusbrasil. 2016. <https://examedaoab.jusbrasil.com.br/noticias/376191509/entenda-o-projeto-da-cura-gay> Acessado: 13/09/2019.

CARVALHO, V. “Experiências com 'cura gay' revelam histórias de dor e sofrimento da comunidade LGBT+”. IN: O Globo. 2019. <https://oglobo.globo.com/celina/experiencias-com-cura-gay-revelam-historias-de-dor-sofrimento-da-comunidade-lgbt-23622628> Acessado: 13/09/2019.

“Relato: jovem conta como a ‘cura gay’ o levou à depressão e a ideias de suicídio”. IN: Esquerda Diário. 2017. <https://www.esquerdadiario.com.br/Relato-jovem-conta-como-a-cura-gay-o-levou-a-depressao-e-a-ideias-de-suicidio> Acessado: 13/09/2019.

“Métodos de “curas gay” utilizam choque elétrico, estupro e submersão”. IN: Jusbrasil. 2015. <https://pragmatismo.jusbrasil.com.br/noticias/307354037/metodos-de-curas-gay-utilizam-choque-eletrico-estupro-e-submersao> Acessado: 13/09/2019.

BATISTOTI, V. “10 iniciativas e projetos voltados para a população LGBT”. IN: Galileu. 2018. <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2018/02/10-iniciativas-e-projetos-voltados-para-populacao-lgbt.html> Acessado: 13/09/2019.

Wikipedia.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Homossexualidade_e_religi%C3%A3o#Religi%C3%B5es_abra%C3%A2micas Acessado: 13/09/2019.

MONTE, R. “Enteda como algumas religiões enxergam a homossexualidade”. IN: Portal Correio. 2019. <https://portalcorreio.com.br/lideres-religiosos-comentam-sobre-a-relacao-com-a-homossexualidade/> Acessado: 13/09/2019.

“Diversidade: a comunidade LGBT no mercado de trabalho”. IN: Exame. 2018. <https://exame.abril.com.br/negocios/dino/diversidade-a-comunidade-lgbt-no-mercado-de-trabalho/> Acessado: 13/09/2019.

MENINI, L. “Inclusão LGBT no mercado de trabalho: precisamos falar sobre isso”. IN: Profissas. 2017. <https://www.profissas.com.br/inclusao-lgbt-no-mercado-de-trabalho-precisamos-falar-sobre-isso/> Acessado: 13/09/2019.

BAPTISTA, J.P. “Infográfico sobre a comunidade LGBT no mercado de trabalho”. IN: Plata O Plomo. 2017. <https://plataoplomo.com.br/infografico-sobre-a-comunidade-lgbt-no-mercado-de-trabalho/> Acessado: 13/09/2019.

“Armie Hammer Wife, Gay, Height, Weight, Body Measurement, Net Worth”. IN: **Heightline**. 2018. <https://heightline.com/armie-hammer-wife-gay-height-net-worth/> Acessado: 18/09/2019.

“Timothée Chalamet: 29 Facts You Probably Didn’t Know About The Rising Star”. IN: **PopBuzz**. <https://www.popbuzz.com/tv-film/features/timothee-chalamet/2019/> Acessado: 18/09/2019.

IdolWiki. <https://idolwiki.com/134-ashley-benson.html#6> Acessado: 18/09/2019.

Idol Wiki. <https://idolwiki.com/324-vanessa-hudgens.html#6> Acessado: 18/09/2019.

BRASIL, U. “Musical ‘Só se for a dois’ aposta nas diversas formas de amar”. IN: **Estadão**. <https://cultura.estadao.com.br/noticias/teatro-e-danca,musical-so-se-for-a-dois-aposta-nas-diversas-formas-de-amar,70003006782> Acessado: 19/09/2019.

CRUZ, E. “Precisamos de mais personagens bissexuais na TV” IN: **Revista Geni**. 2014. <http://revistageni.org/10/eisumasimples/> Acessado em: 21/09/2019.

“Tá no Ar’ faz clipe de empoderamento bissexual”. IN: **Guia Gay São Paulo**. 2018. <http://www.guiagaysaopaulo.com.br/noticias/cultura/ta-no-ar-faz-clipe-de-empoderamento-bissexual> Acessado: 22/09/2019.

BERNARDO, A. “Infográfico: evolução dos personagens LBGTs nas novelas, ano a ano.”. IN: **Superinteressante**. 2017. <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/infografico-evolucao-dos-personagens-lgbt-nas-novelas-ano-a-ano/> Acessado em: 22/09/2019.

FERNANDES, T. “10 personagens LGBT das novelas da Globo que fizeram história.”. IN: **Segredos do Mundo**. 2017. <https://segredosdomundo.r7.com/10-personagens-lgbt-das-novelas-da-globo-que-fizeram-historia/> Acessado em: 22/09/2019.

ANTUNES, D. “Todos os personagens LGBTQ+ em séries de super-heróis.”. IN: **Gay Nerd Brasil**. 2018. <https://gaynerdbrasil.com/2018/01/especialtodos-os-personagens-lgbtq-em-series-de-super-herois.html> Acessado em: 22/09/2019.

“The Unicorn Scale” IN: **Bisexual.org**. <https://bisexual.org/category/the-unicorn-scale/> Acessado em: 22/09/2019.

“Blue is the Warmest Color’ is Not a Lesbian Film”. IN: **IndieWire**. 2014. <https://www.indiewire.com/2014/05/vent-blue-is-the-warmest-color-is-not-a-lesbian-film-214292/> Acessado em: 22/09/2019.

TORRES, L. “Prática de Montação: peça traz histórias pessoais de universitários LGBT.”. IN: **Teatro em Cena**. 2015. <http://teatroemcena.com.br/home/pratica-de-montacao-peca-traz-historias-pessoais-de-universitarios-lgbt/> Acessado em: 22/09/2019.

SOTER, S. “A multiplicidade necessária de personagens bissexuais.”. IN: **Revista Polen**. <https://revistapolen.com/a-multiplicidade-necessaria-de-personagens-bissexuais/> Acessado: 22/09/2019.

CASTRO, D. “Bissexual é inédito na Globo.”. IN: **Folha de S. Paulo**. 1997. https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/8/31/tv_folha/18.html Acessado em: 22/09/2019.

FERRAZ, P. C. “O invisível B – A representação de bissexuais em filmes e séries.”. IN: **Medium**. 2017. <https://medium.com/@gritosedosilencio/o-invis%C3%ADvel-b-a-representa%C3%A7%C3%A3o-de-bissexuais-em-filmes-e-s%C3%A9ries-a01b8c39cdde> Acessado: 23/09/2019.

NETO, A. A.; CHAVES, P.; DA NÓBREGA, T. “Dzi Croquettes e uma estética política do corpo: aproximações entre a fenomenologia e a teoria queer.” IN: **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 12, n. 18. 2018.

BRAZ, C. A. “Os vampiros saem do armário: um olhar antropológico sobre ‘True Blood’”. IN: **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 5, n. 06. 2018.

MELLO, L.; FREITAS, F.; PEDROSA, C.; BRITO, W. “Para além de um kit anti-homofobia: políticas públicas de educação para a população LGBT no Brasil.”. IN: **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 6, n. 07. 2012.

MATOS, L. P. L. “A homossexualidade escarnecida: a sodomia nas cantigas medievais galego-portuguesas.”. IN: **Quilombo Noroeste**. <https://quilombonoroste.wordpress.com/2015/06/02/a-homossexualidade-escarnecida-a-sodomia-nas-cantigas-medievais-galego-portuguesas/> Acessado: 23/09/2019.

SILVA, V. B. V., FILHO, J. P. “Empoderamento em cena: conexões entre o teatro do oprimido e o debate sobre gêneros e sexualidades na educação”. IN: **Revista Enlaçando Sexualidades**. https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_MD1_SA21_ID1344_07082017115037.pdf Acessado: 24/09/2019.

EVELYN, W., BIAR, L. “Teatro do Oprimido e performances de gênero: uma proposta de intervenção.”. 2015. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25535/25535.PDFXXvmi> Acessado: 24/09/2019.

LEWIS, E. S. “‘Eu quero meu direito como bissexual’: a marginalização discursiva da diversidade sexual dentro do movimento LGBT e propostas para formentar a sua aceitação.” https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/LEWIS_ELIZABETH_SARA.pdf Acessado em: 24/09/2019.

GÓIS, P. C. “Bissexualidade, preconceito e objetivos de um ativismo bissexual.”. IN: **Medium**. 2017. <https://medium.com/@pcgois/bissexualidade-monossexismo-e-objetivos-de-um-ativismo-bissexual-f386b3e97352> Acessado: 24/09/2019.

FERRAZ, T. “Dia do Orgulho LGBT: Conheça a história do movimento por direitos.”. IN: **Guia do Estudante**. 2017. <https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/atualidades-vestibular/dia-do-orgulho-lgbt-conheca-a-historia-do-movimento-por-direitos/> Acessado em: 24/09/2019.

BRANCO, M. “Andrógino X Andrógeno.”. IN: **Um Mix**. 2010. <https://ummix.wordpress.com/2010/02/09/androgenos-x-androgenos/> Acessado: 25/09/2019.

“Bruta Flor”
IN: **SampaIngressos**. <https://www.sampaingressos.com.br/bruta+flor+teatro+uniao+cultural.php> Acessado: 26/09/2019.

“A representação da mulher bissexual no cinema.”.
IN: **Feminism is the new black**. <https://feminismisthenewblack.wordpress.com/2015/11/04/a-representacao-da-mulher-bissexual-no-cinema/> Acessado: 26/09/2019.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2003.

“Maya, Crazy Ex-Girlfriend”. IN: **LGBT Fans Deserve Better**. 2017. <https://lgbtfansdeservebetter.com/character/maya-crazy-ex-girlfriend/> Acessado: 08/10/2019.

“Esther Povitsky”. IN: **LezWatch.TV**. <https://lezwatchtv.com/actor/esther-povitsky/> Acessado: 08/10/2019.

Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/Predefini%C3%A7%C3%A3o:Tabela_dos_direitos_LGBT_na_Europa Acessado: 19/10/2019.

Adoro Cinema. <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-252439/> Acessado: 19/10/2019.

Wikipedia. https://en.wikipedia.org/wiki/LGBT_culture_in_Miami. Acessado: 19/10/2019.

Wikipedia https://en.wikipedia.org/wiki/LGBT_rights_in_California Acessado: 19/10/2019.

VIPFAQ. <http://www.vipfaq.com/LaChanze.html> Acessado: 19/10/2019.

Gay Or Straight. <https://gay-or-straight.com/Adam%20Kantor> Acessado: 19/10/2019.

VIPFAQ. <http://www.vipfaq.com/Renee%20Elise%20Goldsberry.html> Acessado: 19/10/2019.

VIPFAQ. <http://www.vipfaq.com/Wilson%20Jermaine%20Heredia.html> Acessado: 19/10/2019.

VIPFAQ. <http://www.vipfaq.com/Eden%20Espinosa.html> Acessado: 19/10/2019.

SANTORO, P. “Conhece Alan Turing? A sua dívida com esse gênio trágico é maior do que você suspeita”. IN: **Diário do Centro do Mundo**. 2014. <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/conhece-alan-turing-a-sua-divida-com-esse-genio-tragico-e-maior-do-que-voce-suspeita/> Acessado: 19/10/2019.

JOHNSON, R. “6 New Books to Honor the 50th Anniversary of Stonewall”. IN: **Barnes & Nobles Reads**. 2019. <https://www.barnesandnoble.com/blog/6-new-books-honor-the-50th-anniversary-of-stonewall/> Acessado: 19/10/2019.

ROONEY, D. “‘The Color Purple’: Theater Review”. IN: **The Hollywood Reporter**. 2015. <https://www.hollywoodreporter.com/review/jennifer-hudson-color-purple-theater-847846> Acessado: 19/10/2019.

MIRANDA, A. “Dzi Croquettes remanescentes relembram o grupo performático”. IN: **O Globo**. 2010. <https://oglobo.globo.com/cultura/dzi-croquettes-remanescentes-relembram-grupo-performatico-2981049> Acessado: 19/10/2019.

KLUGMAN, D. “What Went Wrong With The Idina Menzel Musical If/Then”. IN: **L.A. Weekly**. 2015. <https://www.laweekly.com/what-went-wrong-with-the-idina-menzel-musical-if-then/> Acessado: 19/10/2019.

COATES, T. “Rent Moved American Culture Forward. Rent: Live Is Proof of That”. IN: **Esquire**. 2019. <https://www.esquire.com/entertainment/tv/a26009913/rent-live-musical-meaning-explained/> Acessado: 19/10/2019.

FRANK, G. “A história oculta do abuso contra as atrizes de ‘Azul é a Cor Mais Quente’”. IN: **Universa**. 2019. <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/04/24/a-historia-ocultada-do-abuso-contras-atrizas-de-azul-e-a-cor-mais-quente.htm> Acessado: 19/10/2019.

DE ALBUQUERQUE, F. “Janela de Cinema 2017: Beleza e desejo em Me Chame Pelo Seu Nome, de Luca Guadagnino”. IN: **Ogrito!**. 2017. <https://www.revistaogrito.com/janela-de-cinema-2017-beleza-e-desejo-em-me-chame-pelo-seu-nome-de-luca-guadagnino/> Acessado: 19/10/2019.

“Spring Breakers’ mostra ex-atrizes da Disney chutando o balde”. IN: **Santa**. 2013. <https://www.nsctotal.com.br/noticias/spring-breakers-mostra-ex-atrizas-da-disney-chutando-o-balde> Acessado: 19/10/2019.

BARBIERI, C. “Gossip Girl – 3x09: They Shoot Humphreys, Don’t They?”. IN: **Séries Maníacos**. 2009. <https://seriemaniacos.tv/gossip-girl-3x09-they-shoot-humphreys-dont-they/> Acessado: 19/10/2019.

“Bi-erasure in Orange Is the New Black”. IN: **Oh No They Didn’t!**. 2013. <https://ohnotheydidnt.livejournal.com/80953257.html?page=4> Acessado: 19/10/2019.

DIEHL, D. “5 Reasons Darryl Whitefeather Is TV’s Best Bisexual” IN: **Pride**. 2016. <https://www.pride.com/bisexual/2016/3/15/5-reasons-darryl-whitefeather-tvs-best-bisexual> Acessado: 19/10/2019.

MORGAN, J. “Crazy Ex-Girlfriend confirms another main character is bisexual”. IN: **The Bi Manifesto**. 2019. <https://www.gaystarnews.com/article/crazy-ex-girlfriend-confirms-another-main-character-bisexual/> Acessado: 19/10/2019.

PERLINE, G. “Gostou do ‘love’ entre Eric e Jason? Então veja cinco cenas gay mais quentes de ‘True Blood’”. IN: **Fica Quietinho**. 2014. <http://ficaquietinho.com/gostou-do-love-entre-eric-e-jason-entao-veja-cinco-cenas-gay-mais-quentes-de-true-blood/> Acessado: 19/10/2019.

MORGAN, M. “True Blood’ star Rutina Wesley comes out, announces engagement”. IN: <https://www.sbs.com.au/topics/sexuality/fast-lane/article/2017/11/22/true-blood-star-rutina-wesley-comes-out-announces-engagemen-0> Acessado: 19/10/2019.

Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/Michel_Foucault Acessado: 19/10/2019.

Wikipedia. https://en.wikipedia.org/wiki/Paul_B._Preciado Acessado: 19/10/2019.

Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Darwin Acessado: 19/10/2019.

Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/Sigmund_Freud Acessado: 19/10/2019.

PINHONI, M. “Parada LGBT reuniu 3 milhões na Paulista, segundo organização; veja o que deu certo e o que deu errado”. IN: **G1**. 2019. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/06/24/parada-lgbt-reuniu-3-milhoes-na-paulista-segundo-organizacao-veja-o-que-deu-certo-e-o-que-deu-errado.ghtml> Acessado: 19/10/2019.

“Veja o que funcionou e o que não funcionou no carnaval de rua de SP”. IN: **G1**. 2019. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/carnaval/2019/noticia/2019/03/11/veja-o-que-funcionou-e-o-que-nao-funcionou-no-carnaval-de-rua-de-sp.ghtml> Acessado: 19/10/2019.

“Aids / HIV: o que é, causas, sintomas, diagnóstico, tratamento e prevenção”. IN: **Ministério da Saúde**. <http://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/aids-hiv> Acessado: 19/10/2019.

Wikipedia. https://en.wikipedia.org/wiki/Paco_Vidarte Acessado: 19/10/2019.

The William Institute. <https://williamsinstitute.law.ucla.edu/> Acessado: 19/10/2019.

Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/Dinheiro_rosa Acessado: 19/10/2019.

Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/Newton_Moreno Acessado: 19/10/2019.

Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/Drag_queen Acessado: 19/10/2019.

Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/Augusto_Boal Acessado: 19/10/2019.

GREENRING, T. “Qual sua orientação sexual de acordo com a Escala Kinsey?”. IN: **BuzzFeed**. 2018. <https://www.buzzfeed.com/br/awesomer/teste-sexualidade-escala-kinsey> Acessado: 19/10/2019.

Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/Gera%C3%A7%C3%A3o_Y Acessado: 19/10/2019.

LIMA, Amanda. “Teatro Fantasma: Afinal, o que aconteceu com o Teatro Municipal de São Vicente?”. IN: **Engenheiro Caiçara**. 2017. <http://engenheirocaicara.com/teatro-fantasma-afinal-o-que-aconteceu-com-o-teatro-municipal-de-sao-vice> Acessado: 04/11/2019.

“Biquinha – São Vicente”. IN: **Guia São Vicente**. <http://www.guiasaovicente.com.br/pontos-turisticos/sao-vice/biquinha/> Acessado: 07/11/2019.

“História de São Vicente”. IN: **Guia São Vicente**. <http://www.guiasaovicente.com.br/sao-vice/historia/> Acessado: 07/11/2019.

“ A Biquinha que antecedeu a Cellula Mater (1)”. IN: **Novo Milênio**. <http://www.novomilenio.inf.br/sv/svh014.html> Acessado: 07/11/2019.

“Começa a proteção aos bens históricos (1)”. IN: **Novo Milênio**. <http://www.novomilenio.inf.br/sv/svh067b.html> Acessado: 07/11/2019.

“São Vicente e suas atrações”. IN: **Prefeitura de São Vicente**. <http://www.saovicente.sp.gov.br/cidade-atracoes/> Acessado: 07/11/2019.

“História da cidade”. IN: **Prefeitura de São Vicente**. <http://www.saovicente.sp.gov.br/cidade-historia/> Acessado: 07/11/2019.

Parque Cultural Vila De São Vicente. <http://parqueculturalviladesaovicente.blogspot.com.br/> Acessado: 07/11/2019.

MEDEIROS, Raquel. “Curta as férias no Litoral”. IN: **Diário do Grande ABC**. 2011. <http://www.dgabc.com.br/Noticia/11991/curta-as-ferias-no-litoral> Acessado: 07/11/2019.

“A Fundação da Cidade de São Vicente”. IN: **História Mais**. http://www.historiamais.com/fundacao_sao_vicente.html Acessado: 04/11/2019.

Academia Vicentina De Letras, Artes E Ofícios Frei Gaspar. <http://www.academicossv.org.br/lancamento-do-livro-a-fundacao-da-vila-de-sao-vicente/> Acessado: 04/11/2019.

SPADA, Lincoln. “Perspectiva dos negros sobre a fundação de São Vicente é relatada em livro”. IN: **O Palco Santista**. 2012. <https://opalcosantista.wordpress.com/2012/08/02/perspectiva-dos-negros-sobre-fundacao-de-sao-vicente-e-relatada-em-livro/> Acessado: 04/11/2019.

O. L. RODRIGUES, Rosângela. “A vila de São Vicente – Patrimônio Cultural Submerso: uma missão para a arqueologia subaquática”. IN: **Revista Patrimônio**. <http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/artigos2309.html?cod=51> Acessado: 04/11/2019.

BUENO, E. **Capitães do Brasil: a Saga dos Primeiros Colonizadores**. Rio de Janeiro. Objetiva. 1999. p. 58.

RODRIGUES, R. M. **Cidades Brasileiras: Do passado ao presente**. São Paulo. Moderna. 2003.

LUÍS, W. “Na capitania de São Vicente. Brasília”. IN: **Senado Federal**. 2004. <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1086handle/id/1086> Acessado: 07/11/2019.

LEME, P. T. A. P. **Histórias da capitania de São Vicente**. Brasília. Senado Federal. 2004.

ANCHIETA, J. **Minhas cartas**. Ipiranga. Loyola. 1984.

BRAGA, Marcos. Entrevista concedida a Mariana Saraiva Bonito. São Vicente, 4 jan. 2018.

BOLA, Rodrigo. Entrevista concedida a Mariana Saraiva Bonito. São Vicente, 4 jan. 2018.

COSTA, Paulo. Entrevista concedida a Mariana Saraiva Bonito. São Vicente, 4 jan. 2018.

PRECIADO, P. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo. N-1 edições. 2000.

VIDARTE, P. **Ética Bixa**. São Paulo. N-1 edições. 2019.

SANTOS, S. “O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios”. IN: **PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**. São Paulo. v.24.1, 2017, p.214-241.

RENT: Filmed Live on Broadway. Direção de Michael John Warren. Culver City: Sony Pictures Releasing, 2008. 1 DVD (152 min).

SÓ SE FOR A DOIS. Direção de Allan Oliver. São Paulo, 2019.

IF/THEN. Direção de Michael Greif. Broadway, 2014.

ANA E VITÓRIA. Direção de Matheus Souza. São Paulo: Galeria Distribuidora, 2018. 1 DVD (115 min.).

A BELA E A FERA. Direção de Bill Condon. Burbank: Disney/Buena Vista, 2017. 1 DVD (130 min.).

AS CAÇAS FANTASMAS. Direção de Paul Feig. Culver City: Sony Pictures, 2016. 1 DVD (134 min.).

GUARDIÕES DAS GALÁXIAS. Direção de James Gunn. Burbank: Disney/Buena Vista, 2014. 1 DVD (125 min.).

MULHER-MARAVILHA. Direção de Patty Jenkins. Burbank: Warner Bros. Pictures, 2017. 1 DVD (149 min.).

CAPITÃO AMÉRICA: O Primeiro Vingador. Direção de Joe Johnston. Hollywood: Paramount Pictures, 2011. 1 DVD (124 min.).

THOR: Ragnarok. Direção de Taiki Waititi. Burbank: Disney/Buena Vista, 2017. 1 DVD (131 min.).

CAROL. Direção de Todd Haynes. São Paulo: Mares Filmes, 2015. 1 DVD (118 min.).

ME CHAME PELO SEU NOME. Direção de Luca Guadagnino. Culver City: Sony Pictures, 2017. 1 DVD (132 min.).

BOHEMIAN RHAPSODY. Direção de Bryan Singer. Century City: 20th Century Fox, 2018. 1 DVD (135 min.).

SPRING BREAKERS: Garotas Perigosas. Direção de Harmony Korine. Nova York: A24, 2013. 1 DVD (94 min.).

A MALDIÇÃO DE CHUCKY. Direção de Don Mancini. Universal City: Universal Studios Home Entertainment, 2013. 1 DVD (97 min.).

AZEVEDO, A. **O Cortiço**. São Paulo: Klick editora. 1997.

GOSSIP GIRL: A garota do blog. Desenvolvimento de Josh Schwartz. Burbank: The CW, 2007-2012. 6 temporadas, 39-44 min.

GLEE. Criação de Ryan Murphy, Brad Falchuk e Ian Brennan. Century City: 20th Century Fox, 2009-2015. 6 temporadas, 42 min.

HOW I MET YOUR MOTHER. Criação de Carter Bays e Craig Thomas. Century City, 20th Television, 2004-2015. 9 temporadas, 23 min.

PRETTY LITTLE LIARS. Criação de Marlene King. Burbank: Freeform, 2010-2017. 7 temporadas, 43 min.

ORANGE IS THE NEW BLACK. Criação de Jenji Kohan. Los Gatos: Netflix, 2013-2019. 7 temporadas, 51-92 min.

SKINS. Criação de Brian Elsley e Jamie Brittain. Westminster: E4, 2007-2015. 7 temporadas, 45 min.

CRAZY EX-GIRLFRIEND. Criação de Rachel Bloom e Aline Brosh McKenna. Burbank: The CW, 2014-2015. 4 temporadas, 39-43 min.

TRUE BLOOD. Criação de Allan Ball. Nova York: AMC, 2008-2014. 7 temporadas, 45-60 min.

SANTOS, I. “São Vicente, a área da Batalha de Rap direcionada à mulheres e LGBT’s”. IN: **Blog N’ Roll**. <http://atdigital.com.br/blognroll/2019/01/sao-vicente-a-area-da-batalha-de-rap-direcionada-a-mulheres-e-lgbts/> Acessado: 07/11/2019.

“LGBTI: O que é o Intersexo”. IN: **Esquerda**. 2015. <https://www.esquerda.net/artigo/lgbti-o-que-e-intersexo/37566> Acessado: 07/11/2019.

Canal Tadeu Ramos. <https://canaltadeuramos.wixsite.com/blog/single-post/estreias-de-setembro-no-teatro> Acessado: 07/11/2019.

Wikipedia. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Queer> Acessado: 07/11/2019.

CALIXTO, M. “#TEATRO Rent fará duas únicas apresentações no Rio de Janeiro”. IN: **Backstage Musical**. 2018. <https://www.backstagemusical.com.br/single-post/2018/05/14/TEATRO-Rent-far%C3%A1-duas-%C3%BAnicas-apresenta%C3%A7%C3%B5es-no-Rio-de-Janeiro> Acessado: 07/11/2019.

CLARKE, R. “Screened Out: playing gay in Hollywood from Edison to Stonewall by Richard Barrios”. IN: **Independent**. 2003. <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/books/reviews/screened-out-playing-gay-in-hollywood-from-edison-to-stonewall-by-richard-barrios-111564.html> Acessado: 07/11/2019.

IMDB. <https://www.imdb.com/title/tt0215495/> Acessado: 07/11/2019.

Wikipedia. [https://en.wikipedia.org/wiki/Michael_\(1924_film\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Michael_(1924_film)) Acessado: 07/11/2019.

Cinematheca Brasileira. http://bases.cinematheca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&e_xprSearch=ID=026209&format=detailed.pft Acessado: 07/11/2019.

Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/Matou_a_Fam%C3%ADlia_e_Foi_ao_Cinema Acessado: 07/11/2019.

Wikipedia. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Moonlight_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Moonlight_(filme)) Acessado: 07/11/2019.

Adoro Cinema. <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-265579/> Acessado: 07/11/2019.

Adoro Cinema. <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-228322/> Acessado: 07/11/2019.

Wikipedia. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Power_Rangers_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Power_Rangers_(filme)) Acessado: 07/11/2019.

Adoro Cinema. <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-126155/> Acessado: 07/11/2019.

Wikipedia. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mulher-Maravilha_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mulher-Maravilha_(filme)) Acessado: 07/11/2019.

Wikipedia.
https://pt.wikipedia.org/wiki/Capit%C3%A3o_America:_O_Primeiro_Vingador
Acessado: 07/11/2019.

Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/Thor:_Ragnarok Acessado: 07/11/2019.

Adoro Cinema. <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-203302/> Acessado: 07/11/2019.

Adoro Cinema. <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-207734/> Acessado: 07/11/2019.

Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Segredo_de_Brokeback_Mountain Acessado: 07/11/2019.

Telecine. https://www.telecineplay.com.br/filme/Bohemian_Rhapsody_12339 Acessado: 07/11/2019.

Wikipedia. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Para%CC%80s_Artificiais_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Para%CC%80s_Artificiais_(filme)) Acessado: 07/11/2019.

Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/Spring_Breakers Acessado: 07/11/2019.

Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Pre%CC%A7o_da_Trai%CC%A7%C3%A3o
Acessado: 07/11/2019.

Travessa. <https://www.travessa.com.br/me-chame-pelo-seu-nome/artigo/b86f3e68-14e7-47a7-b91f-fc64f99d39af> Acessado: 07/11/2019.

Banco de Séries. <https://bancodeseries.com.br/index.php?pattern=The+O.C.&action=search>
Acessado: 07/11/2019.

Sony Channel. <https://br.sonychannel.com/series/how-i-met-your-mother/assista-ja> Acessado: 07/11/2019.

Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/How_I_Met_Your_Mother Acessado: 07/11/2019.

Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/Orange_Is_the_New_Black Acessado: 07/11/2019.

Wikipedia. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Zaz%C3%A1> Acessado: 07/11/2019.

Adoro Cinema. <http://www.adorocinema.com/series/serie-17664/> Acessado: 07/11/2019.

Adoro Cinema. <http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-109490/filmografia/melhores/> Acessado: 07/11/2019.

Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Dona_do_Peda%C3%A7o Acessado: 07/11/2019.

Wikipedia. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Scream_\(s%C3%A9rie_de_televis%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Scream_(s%C3%A9rie_de_televis%C3%A3o)) Acessado: 07/11/2019.